



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO**  
**BACHARELADO EM TURISMO**

**LETÍCIA SILVA DE LIRA**

**IMPACTOS SOCIAIS DO TURISMO NO MUNICÍPIO DE ALTO PARAÍSO DE**  
**GOIÁS (GO)**

**BRASÍLIA – DF**

**2017**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO**  
**BACHARELADO EM TURISMO**

**LETÍCIA SILVA DE LIRA**

**IMPACTOS SOCIAIS DO TURISMO NO MUNICÍPIO DE ALTO PARAÍSO DE  
GOIÁS (GO)**

Monografia apresentada ao Centro de  
Excelência em Turismo – CET da  
Universidade de Brasília – UnB, como  
requisito à obtenção do grau de Bacharel  
em Turismo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. M<sup>a</sup>. Mariana Tomazin

**BRASÍLIA – DF**

**2017**

Li                    LIRA, Letícia  
                     Impactos sociais do Turismo no município de Alto Paraíso  
de Goiás (GO) / Letícia LIRA; orientador Mariana TOMAZIN. --  
Brasília, 2017.  
                     94 p.

                     Monografia (Graduação - Turismo) -- Universidade de  
Brasília, 2017.

                     1. Impactos Sociais. 2. Desenvolvimento do Turismo. 3.  
Alto Paraíso de Goiás (GO). I. TOMAZIN, Mariana, orient. II.  
Título.

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO**  
**BACHARELADO EM TURISMO**

**IMPACTOS SOCIAIS DO TURISMO NO MUNICÍPIO DE ALTO PARAÍSO DE  
GOIÁS (GO)**

Monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo – CET, da Universidade de Brasília – UnB, como requisito à obtenção do grau de Bacharel em Turismo.

**LETÍCIA SILVA DE LIRA**

Aprovado por:

---

Prof.<sup>a</sup> M<sup>a</sup>. Mariana Tomazin (Orientadora)

---

Prof.<sup>a</sup> M<sup>a</sup>. Livia Cristina Barros da Silva Wiesiniesk (Avaliador Interno)

---

Prof.<sup>a</sup> M<sup>a</sup>. Thamyris Carvalho Andrade (Avaliador Externo)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marutschka Martini Moesch (Suplente)

Brasília, 27 de novembro de 2017.

Dedico este trabalho ao meu avô,  
Reinaldo Cordeiro Silva, “*In  
Memorian*”, por ser minha inspiração  
de força e por ter me mostrado o  
valor da vida e do amor  
incondicional.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por estar sempre ao meu lado e me guiar nesta jornada da vida, pois é reagindo com gratidão que a gente reconhece Deus intervindo em nossos dias.

Aos meus pais, Sônia Maria Silva Correia de Lira e José Nilton Correia de Lira, por sempre me apoiarem no caminho que decido trilhar. Sem vocês não teria conseguido. Obrigada por estar sempre ao meu lado e por me ensinarem o que realmente é o amor. Obrigada pelo equilíbrio, força e sabedoria.

À minha família, que é minha base. Especialmente, meus irmãos, Larissa Lira e Lucas Lira, por serem meus companheiros por toda a vida. Minha avó materna, Maria Almerinda, por ser um exemplo de mulher forte e batalhadora. Minhas primas, Bárbara Silva e Beatriz Silva, e minha tia, Sandra Maria, por estarem ao meu lado durante esta jornada.

Ao meu companheiro, Kaio Henrique, por me incentivar e me apoiar ao longo desses anos juntos. Obrigada pelo amor e confiança.

As minhas amigas, Bárbara Amanda, Isabela Mirna, Jessyca Beatriz Vieira, Rachel Maia, Rafaella Ramos e Rayane Maia, por acreditarem no meu potencial e por compartilharem momentos de alegria e tristeza comigo.

Aos amigos que fiz ao longo desta jornada universitária, Alessandra Santos, Ana Paula Valadares, Arthur Andrade, Daniel Noble, Flávia Monteiro, Gabriela Costa, Jacqueline Salles, Lays Pugas, Letícia Melgaço, Lucas Sousa, Maria Clara Alcântara, Maysa Alves, Priscila Gomes, Rafaella Paduan, Rafael Valverde e Sarah Andrades. Obrigada por fazerem parte desta caminhada e vivermos tantos momentos únicos juntos. Obrigada pelo apoio, risadas, choros, viagens e por todos os momentos de aprendizagem e convivência.

Aos professores e colaboradores do Centro de Excelência em Turismo, pelo esforço e dedicação.

Um agradecimento especial à minha orientadora, Mariana Tomazin, que muito me ensinou ao longo desta caminhada e por acreditar no meu potencial! Obrigada pelas críticas construtivas, pelo carinho, pela dedicação, pela paciência, pelo incentivo e por esta amizade! Nunca imaginei que iria encontrar a “melhor orientadora”, para juntas desenvolvermos este trabalho incrível. Você é uma mulher admirável e única. Obrigada por tudo, querida Mari!

## RESUMO

O foco deste trabalho consiste em analisar os impactos sociais no processo de desenvolvimento turístico no destino Alto Paraíso de Goiás (GO). Para tal optou-se na construção de um estudo de caso para apreender a dimensão da realidade social no município a fim de identificar se o Turismo como uma possibilidade de desenvolvimento social conseguiu alcançar à transformação e melhoria na qualidade de vida da comunidade local. O método utilizado na investigação foi a dialética e adotou-se uma abordagem de natureza qualitativa, de nível exploratória e interpretativa. Utilizou-se como metodologias a análise documental, a realização de entrevistas com moradores locais no destino e a análise dos índices - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) e Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal. Ressalta-se que a pesquisa é um esforço em debater a qualidade do desenvolvimento do Turismo na localidade, rompendo com algumas imposições pragmáticas e valorizando a subjetividade intrínseca dos sujeitos, contudo, esta se demonstra limitada frente à complexidade do universo real do território. A partir da trajetória percorrida foi possível observar que o desenvolvimento do Turismo conseguiu transformar o município, embora alguns impactos sociais precisem ser superados e/ou minimizados para a melhoria na qualidade de vida dos sujeitos do território.

**Palavras-chave:** Impactos Sociais; Desenvolvimento do Turismo; Alto Paraíso de Goiás (GO).

## **ABSTRACT**

The focus of this work is to analyze the social impacts in the tourist development process in the Alto Paraíso de Goiás (GO) destination. For this, it chose to build a case study to understand the social reality dimension in the municipality in order to identify if the Tourism as a possibility for social development managed to achieve transformation and improvement in the quality of life of the local community. The method used in the research was the dialectic and it adopted an approach of qualitative nature, of exploratory and interpretative level. The documentary analysis, the interviews with local residents at the destination and the analysis of the indexes - Municipal Human Development Index (MHDI) and the FIRJAN Municipal Development Index, were used as methodologies. It is emphasized that the research is an effort to discuss the quality of Tourism development in the locality, breaking with some pragmatic impositions and valuing the intrinsic subjectivity of the subjects, however this is limited in the face of the complexity of the real universe of the territory. From the trajectory covered it was possible to observe that the development of Tourism managed to transform the municipality, although some social impacts need to be overcome and/or minimized for the improvement in the quality of life of the subjects of the territory.

**Key Words:** Social Impacts; Tourism Development; Alto Paraíso de Goiás (GO).



## **LISTA DE SIGLAS**

DLIS – Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

IFDM – Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal

INDUR – Instituto de Desenvolvimento Urbano de Goiás

ISAB – Internação Sensível à Atenção Básica

PDITS – Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável

PIB – Produto Interno Bruto

PROIC – Programa de Iniciação Científica

PNCV – Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

UC – Unidade de Conservação

UNB – Universidade de Brasília

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Localização de Alto Paraíso de Goiás no Estado de Goiás.....	34
Figura 02. Vale da Lua.....	39
Figura 03. Almécegas I e II.....	39
Figura 04. Saltos do Rio Preto, em Alto Paraíso de Goiás.....	41
Figura 05. Diagrama do Plano Estratégico de Desenvolvimento Turístico do Município de Alto Paraíso.....	43
Figura 06. Mapa Estratégico do Turismo do Município de Alto Paraíso.....	44
Figura 07. Sistema de Gestão da Política Municipal de Turismo do Município de Alto Paraíso.....	45
Figura 08. Cálculo do IDHM.....	52
Figura 09. Faixas de Desenvolvimento Humano Municipal.....	52
Figura 10. Leitura do IFDM.....	53
Figura 11. IFDM 2015 – Alto Paraíso (GO). Ano Base: 2013.....	62
Figura 12. Evolução anual (2005 a 2013) – Emprego & Renda. Alto Paraíso (GO).....	63
Figura 13. Evolução anual (2005 a 2013) – Educação. Alto Paraíso (GO).....	69
Figura 14. Evolução anual (2005 a 2013) – Saúde. Alto Paraíso (GO).....	77

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 01. Resumo dos Componentes do IFDM – por Área de Desenvolvimento.....	54
Quadro 02. IDHM e seus componentes – Alto Paraíso/GO.....	61

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 01. Relação de Entrevistados.....	55
--	----

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 01: TRILHANDO CAMINHOS TEÓRICOS.....	16
1.1 – DESENVOLVIMENTO, CIDADANIA E TURISMO: POSSIBILIDADE DE DIALÓGO ENTRE SUAS TEORIAS? .....	16
1.2 – PERCORRENDO CAMINHOS POR ALTO PARAÍSO.....	33
CAPÍTULO 02: CAMINHOS METODOLÓGICOS TRILHADOS.....	47
CAPÍTULO 03: ANÁLISE DAS EVIDÊNCIAS.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	87
APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	93

## INTRODUÇÃO

A inclusão social é um dos desafios a ser alcançado no desenvolvimento do Turismo, no qual, abarca uma complexidade de fatores de desigualdade. O planejamento do Turismo é de mera importância em esfera macro ou micro, para cada país, cidade ou comunidade, no qual cada uma possui características próprias que devem ser cogitadas nesse processo.

É necessário conhecer as causas que leva uma comunidade nativa às situações de exclusão, devido à atividade turística na localidade, pois a busca por um desenvolvimento incluyente é primordial para todos os atores sociais envolvidos. Dessa forma, se faz necessário conhecer a percepção dos moradores locais acerca dos impactos gerados pelo Turismo na localidade. Entende-se que:

A natureza do processo de desenvolvimento do turismo e seu impacto na população local podem ser classificados em uma série de subconjuntos, e a análise de cada um deles poderá contribuir para esclarecer o tipo e a fonte dos impactos atribuídos do desenvolvimento do turismo (COOPER, 2001, p. 240).

Os impactos causados podem ser positivos e/ou negativos para a comunidade receptora. A forma que o Turismo contribui para o desenvolvimento local depende do seu próprio planejamento, apesar de complexo, um bom planejamento é aquele descentralizado, em que todos interessados participam e que visa à qualidade de vida da população local. Em vista disso, é de total relevância conhecer a visão dos moradores locais, pois eles detêm um maior conhecimento da realidade, a respeito da história, dos problemas e potencialidades da sua cidade, contribuindo para uma integração social.

A perspectiva da inclusão social se faz presente, como uma forma de incluir a comunidade local nas questões relacionadas à igualdade de oportunidades, possibilitando um planejamento participativo e garantindo o acesso de cada indivíduo ou grupo. A realização dessa pesquisa se torna relevante para uma melhor compreensão da importância e dimensão dos impactos sociais do Turismo no município de Alto Paraíso, durante os últimos dez anos. Desta forma, o objetivo geral se materializa em analisar os impactos sociais no processo de desenvolvimento turístico no destino Alto Paraíso de

Goiás (GO). Para alcançar este objetivo desenharam-se os seguintes objetivos específicos:

- Analisar como se processou historicamente o desenvolvimento do Turismo em Alto Paraíso de Goiás (GO);
- Analisar as alterações no IDHM e no IFDM da localidade contemplando o recorte temporal;
- Levantar informações junto aos moradores locais sobre a percepção dos impactos do Turismo na localidade;
- Verificar se na localidade há práticas includentes em relação ao desenvolvimento do Turismo.

O Turismo tornou-se um fator essencial para a economia mundial, pois existe uma necessidade de impulsionar um processo de crescimento econômico acelerado, no qual, o desenvolvimento turístico possibilita um aumento significativo na produção de renda. Entretanto, é necessário um maior conhecimento a respeito deste fenômeno, apesar de toda sua complexidade e interdisciplinaridade, não deveria ser reduzido apenas como um instrumento de desenvolvimento econômico, no qual limita o seu próprio potencial.

A ausência de um desenvolvimento turístico adequado para todos os envolvidos no processo gera vários problemas internos e externos, que atrapalha a estruturação do setor turístico, inclusive, limita a própria compreensão do que é o Turismo. Contudo, que tipo de desenvolvimento o Turismo está proporcionando e para quem?

Essa compreensão é fundamental para entender como os moradores nativos veem o Turismo, sua inserção nesse processo e sua opinião a respeito dos devidos impactos. Porém, como os moradores nativos veem os impactos sociais do Turismo? Quais os reflexos da dinâmica das localidades oriundas do fluxo turístico? Estes sujeitos do território tem acesso aos atrativos turísticos? São envolvidos nas tomadas de decisões do desenvolvimento turístico? Torna-se significativo estabelecer condições favoráveis para à comunidade, no qual, atenda seus desejos e necessidades. A visão e a concepção ideológica enraizadas nos processos sobre o Turismo como uma possibilidade de desenvolvimento social foram possibilitadoras de transformação e melhoria na qualidade de vida da comunidade local? Ou se limitaram a atender às lógicas dos empresários estabelecidos na localidade?

A realização deste trabalho partiu do interesse, como pesquisadora, em analisar a visão dos moradores nativos em relação ao Turismo no município, uma vez que é perceptível que cada vez mais o fluxo turístico da localidade e sua respectiva dinâmica tem se estabelecido. Após a participação no Programa de Iniciação Científica da Universidade de Brasília (ProIC/UnB), no projeto intitulado “O Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil, nos destinos indutores de Goiás e a inclusão social”, no qual realizou-se um estudo de caso no destino de Alto Paraíso de Goiás, a fim de compreender se as ações implementadas pelo Programa de Regionalização do Turismo possibilitaram a inclusão social da população local. Nesse processo de investigação acerca dessa política pública realizaram-se entrevistas com atores-chave representativos no município e a partir de uma das conversas emergiu o conhecimento dos problemas sociais na localidade. Com isso, a proposta do presente estudo encontra-se em dimensionar, contemplando uma parte dessa realidade que se caracteriza como complexa, dinâmica e contraditória, a perspectiva da comunidade acerca dos impactos sociais causados pelo Turismo no município de Alto Paraíso de Goiás, tendo como recorte temporal os últimos 10 anos, considerando que a partir de 2007 a localidade tornou-se destino indutor segundo a política nacional de turismo.

Nesse sentido, esta pesquisa foi organizada reunindo introdução, três capítulos e considerações finais. No primeiro capítulo, apresenta-se a fundamentação teórica construída acerca dos temas - Turismo, desenvolvimento, inclusão social e cidadania; e em seguida, a caracterização da localidade em estudo – Alto Paraíso de Goiás. No segundo capítulo são apresentados os caminhos metodológicos desta investigação, delimitando o objetivo geral, os objetivos específicos, o problema de pesquisa e evidenciando o método e as metodologias. No terceiro e último capítulo, apresenta-se a análise das evidências a partir do discurso dos sujeitos do território e da coleta de dados de dois índices, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) e o Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal (IFDM). Por fim, são apresentadas as considerações finais, onde a pesquisadora aborda o delineamento de suas possíveis conclusões, que não são finais, tão pouco engessadas, mas se instauram em um movimento de reflexão crítica a respeito de toda construção acerca da presente investigação.

## **CAPÍTULO 01: TRILHANDO CAMINHOS TEÓRICOS**

O presente capítulo está dividido em dois subcapítulos de modo a contemplar, primeiramente, a construção teórica acerca dos conceitos de desenvolvimento, cidadania e Turismo. O conceito de Turismo a partir dos autores Beni e Moesch (2015), Moesch (2002), e Tomazin (2016). Em seguida sobre desenvolvimento a partir dos autores Sachs (2003), Coriolano (2003 e 2005), Oliveira (2008), Gastal & Moesch (2007), Krippendorf (2009), Beni (2006). Uma discussão sobre exclusão social e políticas sociais, a partir de Garibe (2006), Pochmann (2004), Faleiros (2006), Guerra; Pochmann e Silva (2014), Otero (2012), Coriolano (2005).

Em seguida, uma discussão sobre cidadania, a partir de Faleiros (2006), Jacob (2003), Sadek (2009), Demo (2009), Pinsky (2003 e 2004). A discussão permeia-se sobre inclusão social a partir de Pochmann (2004), Coriolano (2005), Sasaki (1997), Moreira (2006); e por fim, constitui-se uma discussão sobre os impactos do Turismo a partir de Pires (2004), Beni (2002 e 2006), Lickorish e Jenkins (2000), Sachs (2003) e Haguette (1995).

O segundo subcapítulo contempla a contextualização sobre o objeto de pesquisa – Alto Paraíso de Goiás, apresentando alguns caminhos percorridos a partir do resgate histórico deste recorte territorial, abordando brevemente seus dados gerais, sua história, o desenvolvimento do Turismo e alguns dos planos municipais de turismo da localidade.

### **1.1 DESENVOLVIMENTO, CIDADANIA E TURISMO: POSSIBILIDADE DE DIALÓGO ENTRE SUAS TEORIAS?**

A forma como o Turismo vem sendo proposto em diferentes territórios na contemporaneidade coloca a urgente questão sobre as teorias interpretativas que o formatam, pois, traduz as concepções de conhecimento monodisciplinar, multidisciplinar, interdisciplinares, sendo implícitas as propostas de seus modelos, ocasionando sérias implicações éticas, sociais, políticas impactadas por suas práticas turísticas. Pois é na complexidade dessas práticas e seus impactos às comunidades que se provoca uma reforma no modo de compreender o fenômeno do Turismo (BENI, MOESCH, 2015).



Considerando que o fenômeno turístico surgiu como resposta à necessidade de opções de lazer para ocupação do tempo livre, em virtude das características vigentes da sociedade, onde o trabalho exasperado é a característica mais marcante, alguns postulados ficaram enraizados em sua concepção e, como consequência disso, o pensamento reducionista se dá de maneira clara até os tempos atuais (TOMAZIN, 2016).

Ao estudar o turismo como realidade humana o compreendemos como uma amálgama na qual tempo, espaço, diversão, economia, tecnologia, imaginário, comunicação, diversão, ideologia, hospitalidade são categorias fundantes de um fenômeno social contemporâneo, em que o protagonista é o sujeito, seja como produtor ou consumidor dessa prática social. Não é negada a contingência material do turismo em sua expressão econômica, mas ela ocorre historicamente, em espaços e tempos diferenciados, cultural e tecnologicamente construídos, a ser irrigado com o desejo de um sujeito biológico, nômade em sua essência (BENI, MOESCH, 2015, p. 7).

O entendimento do Turismo é complexo devido à sua multiplicidade de concepções e significados, em diferentes áreas de conhecimento. Sua teoria possui uma vulnerabilidade na compreensão sobre essa temática, onde a forma em que se busca esse fenômeno determina a finalidade, podendo variar a partir das suas diversas dimensões, sejam elas culturais, políticas, sociais, psicológicas e econômicas. De acordo com Moesch (2002, p. 9) o Turismo é:

[...] uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sociocultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/subjetividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: o produto turístico (MOESCH, 2002, p. 9).

Compreender a problemática do desenvolvimento crescente da atividade turística é relevante não só à medida que seus produtores, vendedores intermediários, consumidores continuam produzindo, vendendo e consumindo sem limites ou critérios, sem outro fim que o seu próprio benefício e a satisfação egoísta do consumidor, mas pela persistência do problema, disfarçado nas concepções implícitas destes conceitos. Essa postura, resultante de uma cultura de mercado capitalista, desconhece a essência do fenômeno turístico, o qual exerce uma pressão crescente sobre a produção da subjetividade social, o ecossistema, o modo estético, a herança cultural, existentes nas localidades visitadas. O comportamento mercadológico

determinista utiliza-se do Turismo como objeto de consumo no sistema econômico, desconsidera sua interdisciplinaridade, principalmente, como relação intercultural capaz de interferir e atribuir novas relações e códigos (MOESCH, 2002).

Dominantemente visto com ênfase no seu lado econômico, o Turismo é limitado em questão de análise, com uma perspectiva crítica social. Apesar de predominar sua importância no âmbito econômico, sobretudo, é assimilado com a atualidade de um mundo globalizado, aonde vem perdendo-se a relevância e o valor humanitário, no qual somos sujeitos às necessidades táticas e direcionadas para produção e consumo, com uma essência vinculada, ainda, aos traçados mercadológicos. Entretanto, até quando o desenvolvimento do turismo irá sobrepor esse continuísmo da forma capitalista de exploração do território e do próprio ser humano?

O crescimento econômico, embora necessário, não é condição suficiente para o desenvolvimento, que tampouco se afigura como um processo unidirecional. Taxas de crescimento, mesmo fortes, podem levar a progressos como a retrocessos sociais e ambientais, ao desenvolvimento ou ao mau desenvolvimento (SACHS, 2003, p. 63).

O desenvolvimento como fenômeno complexo apresenta dimensões variadas a respeito do território, dos recursos naturais, às pessoas e suas ações. Desenvolvimento, Turismo e meio ambiente encontram-se em uma relação recíproca, pois as atividades econômicas transformam o meio ambiente e o ambiente alterado constitui uma restrição externa para o desenvolvimento econômico e social. Mas essa relação pode ser construída de forma controlada, reduzindo impactos e agressões (CORIOLANO, 2003).

Entende-se por desenvolvimento um processo de produção de riqueza compartilhada, com uma distribuição com maior equidade, conforme as necessidades das pessoas, ou seja, com justiça. Quando a economia cresce e fica concentrada sem redistribuição justa, ocorre apenas o crescimento econômico concentrado. Um dos desafios da sociedade atual é promover o desenvolvimento centrado no homem. Para a concretização do desenvolvimento não basta apenas crescer a economia, a produção de riqueza, ou o Produto Interno Bruto - PIB, se faz também necessário, sobretudo, que essa riqueza seja para todos, elevando o poder aquisitivo e a

qualidade de vida do global da sociedade, dentro dos princípios dos direitos humanos (CORIOLANO, 2003).

Todo desenvolvimento tem uma base eminentemente local. Embora os processos que resultam em desenvolvimento, ou na sua ausência, excedam o plano local, é nele que se manifesta sua presença. É onde acontece a participação e interação entre os atores, é no local que se iniciam os arranjos produtivos e se exercem os *trade-offs*<sup>1</sup> entre as cinco eficiências: social, alocativa, inovativa, ecoeficiência e de pleno emprego dos recursos. Assim, encontra-se a importância de pensar o desenvolvimento em termos territoriais, conectando horizontalmente suas dimensões verticais, que remetem às cadeias produtivas e a outros territórios (SACHS, 2003).

O planejamento do desenvolvimento, a partir de um enfoque territorial, tem ganhado importância. Vale destacar o Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável - DLIS, que define estratégias locais de desenvolvimento por meio da participação das comunidades, por intermédio de conselhos e fóruns de desenvolvimento municipal, regional ou estadual. A partir da definição dos recortes adequados para trabalhar estratégias territoriais de desenvolvimento, é de suma importância, antes de mais nada, evitar soluções uniformizadas para todo um país (SACHS, 2003).

Numa ruptura de paradigmas a concepção do Turismo enquanto fenômeno social vem adquirindo espaço nas teorias existentes. O estudo sistemático das dimensões sociais que o envolvem tem desencadeado uma série de discussões acerca das transformações socioculturais geradas pelo Turismo em comunidades receptoras, estimulando assim, a problematização e a teorização em torno de temáticas até então marginalizadas (OLIVEIRA, 2008).

O Turismo está ligado a um crescimento econômico, mas também a uma mudança social, que torna essa estrutura social cada vez mais diferenciada. Nesse sentido um dos desafios do Turismo materializa-se em proporcionar à comunidade receptora um desenvolvimento social, não apenas um desenvolvimento econômico.

---

<sup>1</sup>Uma situação no qual você equilibra duas situações ou qualidades opostas (CAMBRIDGE DICTIONARY, 2017).

O turismo ainda estaria reduzido a um instrumento de desenvolvimento econômico, parte de políticas setoriais, as quais não possuiriam clareza dos impactos causados e dos compromissos acarretados junto às localidades, quando de sua implantação (GASTAL & MOESCH, 2007, p. 41).

Corroborar-se assim, novamente que o desenvolvimento econômico pode gerar também retrocessos sociais e ambientais. Com isso, a análise do desenvolvimento exige critérios qualitativos ao lado de indicadores quantitativos. É necessário o esforço para colocar o social no comando, os objetivos do desenvolvimento são sempre em última instância éticos e sociais, o que leva a privilegiar a geração de empregos, acarretando em oportunidades de crescimento puxado pelo emprego e provocando esforços para que os postos de trabalho criados sejam adequados em termos de condições e de remuneração (SACHS, 2003).

Entretanto, no setor turístico, a maioria dos empregos não é atraente. As condições de trabalho são rigorosas: horas extras, horários irregulares, negação de direitos trabalhistas, sobrecarga de acordo com a estação do ano e comprometimento pessoal a favor do cliente. Ademais, os salários são inferiores à média. As opções profissionais e as possibilidades de carreira são restritas. Muitas atividades não são qualificadas e são socialmente desfavorecidas. A configuração do trabalho temporário também não configura a segurança da plenitude do sujeito envolvido na área. É raro que um projeto de valorização turística considere o potencial de empregados disponível no local. Partem simplesmente do princípio de que, seja como for, há um número suficiente de pessoas prontas a serem admitidas. E, se não as encontram na própria localidade, fazem-nas vir de fora. De qualquer forma, os empregos interessantes e os cargos executivos, que exigem mais capacidade, são reservados às pessoas de fora da cidade ou aos estrangeiros. Atribuem-se aos moradores locais as funções subalternas (KRIPPENDORF, 2009). De acordo com Beni (2006, p. 45):

A criação de empregos, por sua vez, ocasiona mudanças na estrutura social das comunidades visitadas, assim como em suas instituições sociais. É sob esse aspecto que vamos encontrar um dos grandes desafios do turismo: proporcionar aos núcleos receptores não somente desenvolvimento econômico, mas também desenvolvimento social (BENI, 2006, p. 45).

O desenvolvimento do Turismo afeta a estrutura demográfica com a criação de novos empregos que, conseqüentemente, geram, além do êxodo rural, migrações inter-regionais. Essa força situacional pode, por um lado, sustar a emigração, principalmente dos jovens, graças ao aumento da oferta de trabalho; e por outro, na medida em que certas habilidades e competências profissionais exigem uma qualificação e/ou especialização, tende a busca-la nos centros mais desenvolvidos. Além disso, também é verdade que os polos turísticos atraem os desempregados das áreas do entorno. Verifica-se, assim, que a estrutura social se torna cada vez mais diferenciada (BENI, 2006).

Os exemplos são imensos, no qual a população nativa vendeu o solo por preços baixíssimos a terceiros, como terrenos para construção, deixando escapar das mãos o trunfo mais importante na luta pelo controle do desenvolvimento econômico. Assim, o produto da venda é usado para financiar as necessidades mais urgentes. E quando os preços dos terrenos aumentam, os moradores nativos, mais uma vez, são prejudicados, pois outras pessoas detêm o bom negócio. Ao final, chega-se às vezes, à situação em que o preço dos terrenos e os aluguéis pagos pelos moradores de fora são tão elevados que um nativo não pode mais se dar ao luxo de morar na própria comunidade, e muito menos de construir uma casa para morar (KRIPPENDORF, 2009).

E isso é um cenário muito presente nas localidades turísticas, o espaço dos sujeitos dos territórios que antes eram ligados à natureza ou ao centro são totalmente direcionados ao atendimento dos turistas, enquanto esses, são marginalizados no entorno das localidades sofrendo com o aumento da inflação imobiliária e não tendo acesso, muitas vezes, a serviços básicos. O holofote de luz ilumina apenas o que considera atrativo, o que está beirando a exclusão, segue a lógica da negação.

Uma troca só pode ser qualificada como equitativa se os custos e os benefícios foram repartidos de forma mais ou menos equivalente entre as duas partes. Entretanto, não é o caso no desenvolvimento do Turismo. Uma das principais razões são os custos, ditos sociais, que são criados, mas não são pagos pelas empresas turísticas ou pelos turistas, e ficam inteiramente a cargo do destino receptivo. Eles não aparecem em nenhuma conta e, no entanto, representam uma carga quase insuportável para os habitantes. O Turismo também permite a alguns nativos a realização de um lucro considerável, mas

em geral apenas a uma minoria. É compreensível que esta interceda a favor do desenvolvimento turístico. Mas, a maioria da população enfrenta todas as desvantagens desse processo, também enfrentando os custos sociais gerados (KRIPPENDORF, 2009). Com isso aponta-se outra afirmativa do autor:

Um dos elementos essenciais na busca do desenvolvimento harmonioso reside na reivindicação segundo a qual uma comunidade turística deve conservar o poder sobre o solo e, portanto, a decisão soberana sobre sua utilização. Em nenhuma hipótese deve despojar-se de seu principal instrumento de orientação (KRIPPENDORF, 2009, p. 166-167).

A transformação das estruturas econômicas pela industrialização tem resultado no aprofundamento das desigualdades entre regiões mais e menos desenvolvidas, tendo como resultado um processo de exclusão social (SACHS, 2003). Na visão de Garibe (2006, p. 28):

A urbanização fez-se acompanhar de um processo perverso de exclusão, pois o ritmo dessa transformação não foi acompanhado por novos instrumentos de gestão do espaço urbano e de modernização administrativa (GARIBE, 2006, p. 28).

O conceito de exclusão refere-se a um processo histórico mais amplo, concebido e desenvolvido a partir de padrões de dinamismo econômico e social, responsáveis por concentrar a maior parte do poder político para parcelas diminutas da população. Essa temática assumiu maior atualidade e importância política frente à crescente vulnerabilidade imposta a determinados segmentos populacionais com consideráveis déficits de cidadania (POCHMANN, 2004). Nas palavras de Pochmann (2004, p. 14), esse processo de exclusão:

Assume a expressão mais precisa dos obstáculos sociais, políticos e econômicos que impedem determinados segmentos populacionais participar plenamente da sociedade. Em síntese, uma situação de privação da autonomia individual e coletiva que termina por comprometer a inclusão e a convivência cidadã (POCHMANN, 2004, p. 14).

Ainda de acordo com Pochmann (2004, p.18) adotar este termo exclusão social:

Descarta-se a *a priori* uma visão dual e dicotômica em relação à inclusão, por se tratar de um processo histórico que expõe determinados segmentos sociais à maior ou menor possibilidade de integração no interior do modo de produção capitalista (POCHMANN, 2004, p. 18).

Para Faleiros (2006, p. 4), a exclusão é:

[...] um processo dialético e histórico, decorrente da exploração e da dominação, com vantagens para uns e desvantagens para outros, estruturante da vida das pessoas e coletividades, diversificada, relacional, multidimensional, e com impactos de disparidade, desigualdade, distanciamento, inferiorização, perda de laços sociais, políticos e familiares, com desqualificação, sofrimento, inacessibilidade a serviços, insustentabilidade e insegurança quanto ao futuro, carência e carenciamentos quanto às necessidades, com invisibilidade social, configurando um distanciamento da vida digna, da identidade desejada e da justiça (FALEIROS, 2006, p. 4).

A população excluída tem sido usada para uma massa de manobra por parte das elites dirigentes, não interessando, na adoção de políticas públicas capazes de romper com o circuito da dependência, do clientelismo e do paternalismo político. O melhor conhecimento acerca das possibilidades e limites do desenvolvimento social na periferia do capitalismo permite apontar a necessidade de avançar na construção de um estado de bem-estar social (POCHMANN, 2004).

A condição de exclusão social que leva à discriminação e ao isolamento de certos grupos da sociedade pode abarcar tanto indivíduos pobres como não pobres. O conceito de pobreza é mais limitado que o de exclusão social, embora a pobreza seja um componente da própria condição da exclusão social. Por ser um conceito multidimensional e relativo a qualquer sociedade, responde uma progressão de fatores ao longo do tempo. Envolve as relações de poder e suas medições entre estar excluído e suas reações à natureza das iniquidades contemporâneas que impossibilitam a participação plena na vida política, econômica, social, cultural e civil, além do acesso ao padrão de vida considerado aceitável (GUERRA; POCHMANN; SILVA; 2014).

O resultado econômico proveniente da racionalização do gasto social e motivado por um padrão de gestão pública, dando à devida importância na concepção dos recursos da esfera social não deveriam ser compreendidos como gastos, mas como investimento social. A necessidade de intervenção no modelo de política social e do trabalho, exige uma inovadora metodologia de ação governamental, capaz de identificar o cidadão na sua totalidade, não de maneira parcial e setorializada (POCHMANN, 2004). Isto é um cenário social que se faz presente no Turismo, onde são cedidas na maioria das vezes às funções subalternas para os menos favorecidos nessa mecanização do trabalho, nota-se bastante ainda essa ausência da integralização e valorização do sujeito.

Cabe lembrar que as políticas sociais constituem um esforço planejado, por parte do Estado, na redução das desigualdades sociais. Deveria partir da ideia de que a renda captada por meio de impostos e outras fontes possibilitassem ao Estado oferecer serviços ou acesso às instâncias que respondam às necessidades fundamentais da população, sobretudo, da parcela mais carente, ligadas à habitação, saúde, transporte e educação, entre outras (OTERO, 2012). Com isso, o autor define a política social como:

Política social é aquela que efetivamente promove a redistribuição de bens e poder, por meio da efetiva participação dos vários grupos de interesse em sua condução, sobretudo a clientela-alvo, tendo como eixo de sustentação a noção do que mais recentemente se convencionou chamar de “empoderamento” ou “autonomia” (OTERO, 2012, p. 30).

A responsabilidade social leva a assumir a opção pelos fracos, os sem poder e sem voz, na sua imensa maioria também pobres, a redução da dívida social requer a busca de soluções estruturais e de políticas de emprego que promovam a inserção produtiva dos excluídos e a intensificação de políticas sociais focadas nas diferentes categorias dos desprivilegiados. O sucesso na promoção do desenvolvimento será medido pelo tempo necessário para que todos possam ter à cidadania plena<sup>2</sup>, ao exercício do conjunto dos seus direitos não apenas políticos, civis e cívicos, mas também econômicos, sociais e culturais (SACHS, 2003).

A construção social do desenvolvimento exige o envolvimento de toda a sociedade, uma revalorização da cultura e uma base ética. Estimular a participação das comunidades para maior dinamização econômica e buscar respostas às necessidades de saúde pública, educação, cultura, construção de moradias, lazer, produção de emprego e renda, significa uma estratégia eficaz e eficiente, para os segmentos sociais mais desprestigiados. Há que se adotar um modelo de desenvolvimento que estimule e desenvolva, mormente a cooperação, a solidariedade, que passe a utilizar os recursos locais, especialmente os recursos humanos (CORIOLANO, 2003).

---

<sup>2</sup> A cidadania emancipada – plena – é considerada a partir da apropriação do processo de conquista, de luta pela efetivação dos direitos, na capacidade de nos fazermos sujeitos responsáveis pela história da sociedade, procurando transformá-la no sentido da emancipação e da justiça social (DEMO, 1995).



O cooperativismo é um importante fenômeno de socialização que tenta melhorar os contrastes de riqueza e pobreza, mostrando a relevância da solidariedade na solução das questões econômicas, políticas e sociais na escalada do desenvolvimento das comunidades. Apresenta soluções viáveis, no qual, ajuda na diminuição do índice de pobreza dos associados, promovendo a produção de riqueza sem acumulação, redistribuindo renda, oferecendo espaço para a prática da democracia. A injustiça social é um dos fatores de exclusão, pois abarca aspectos mais amplos da pobreza. Dessa forma, é possível afirmar que a exclusão é a própria negação da cidadania (CORIOLANO, 2005).

Assim sendo, a exclusão está relacionada como negação da cidadania, da garantia e efetividade de direitos civis, políticos e sociais, ambientais e da equidade de gênero, raça, etnia e território. A cidadania tem como pressuposto a participação, a garantia e a efetividade de direitos, implicando na real prestação de serviços pelo poder público e existência de condições de vida, com desenvolvimento pessoal na diversidade de culturas, gênero, raça, etnia e opções religiosas, sexuais, e de modos de existência. A negação da cidadania, por sua vez, pressupõe o impedimento e ausência desses direitos e dessas condições (FALEIROS, 2006).

Cidadania está relacionada com a identidade e o pertencimento a uma coletividade. A construção de uma cidadania ativa forma-se como elemento determinante para constituição e fortalecimento de sujeitos cidadãos que, portadores de direitos e deveres, assumam a importância da abertura de novos espaços de participação (JACOB, 2003). A interpretação de Sadek (2009, p. 9) a respeito da cidadania é:

De forma conceitual, ela pode ser apreendida a partir de dois ângulos – o individual e o social. Considerando-se o indivíduo, pode-se entender a cidadania como o conjunto de direitos que o habilita a participar de forma plena da vida pública. Do ponto de vista da sociedade, os direitos que compõem a cidadania representam os graus de tolerância com as desigualdades (SADEK, 2009, p. 9)

Sobre esta temática, Demo (2009, p. 70) relata que:

Cidadania é qualidade social de uma sociedade organizada sob a forma de direitos e deveres majoritariamente reconhecidos. Trata-se de uma das conquistas mais importantes na história. No lado dos direitos, repontam os direitos humanos, que hoje nos parecem óbvios, mas cuja conquista demorou milênios, e traduzem a síntese de todos os direitos imagináveis que o homem possa ter (DEMO, 2009, p. 70).

No entanto, o conceito de cidadania prevalece para os objetivos de uma análise do acesso à justiça. O termo “cidadania” é um constructo burguês e está carregado de ambiguidades. É preciso compreender que a verdadeira cidadania não consiste em ajudar o outro, mas, na verdade, em servir ao outro, colocando-se à disposição do outro. Há uma enorme diferença entre essas duas posturas. Atualmente, pode-se afirmar que o grande desafio da defesa da cidadania não está basicamente situado na construção de um universo normativo novo, mas na aplicação das normas já existentes (PINSKY, 2004).

O exercício da cidadania significa não só o direito à representação, à voz e à vez na vida pública, mas também à dignidade na vida cotidiana, ao direito à educação, à saúde, à segurança, à vivência familiar. A democracia só existirá quando cidadãos e cidadãs, sem prejuízo de sexo, raça, cor, classe, credo político ou religioso, condição física ou idade, tiver garantido tratamento igualitário e oportunidade de acesso (PINSKY, 2004).

Dentro de cada Estado-nacional o conceito e a prática da cidadania está se alterando ao longo dos últimos séculos. Devido a uma relação de abertura maior ou menor do estatuto de cidadão para sua população, ao grau de participação política de diferentes grupos, quanto aos direitos sociais, à proteção social oferecida pelos Estados (PINSKY, 2003). Entretanto, apesar das mudanças ao longo do tempo:

Sonhar com cidadania plena em uma sociedade pobre, em que acesso a bens e serviços é restrito, seria utópico. Contudo, os avanços da cidadania, se têm a ver com a riqueza do país e a própria divisão de riquezas, dependem também da luta e das reivindicações, da ação concreta dos indivíduos – na qualidade de cidadãos engajados (PINSKY, 2003, p.13).

A partir da dificuldade de manter a qualidade de vida nas cidades, estados ou países, é preciso fortalecer a importância de garantir padrões ambientais adequados e estimular uma crescente consciência ambiental, centrada no exercício da cidadania e na reformulação de valores éticos e morais, individuais e coletivos (JACOB, 2003).

Não obstante, ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei, a votar, é basicamente, ter direitos civis e políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia, sem os direitos sociais, que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva, a partir do direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice

tranquila. Para o exercício de uma cidadania plena necessita-se ter direitos civis, políticos e sociais (PINSKY, 2003).

A sociedade precisa estar motivada e mobilizada para assumir um caráter mais propositivo, assim como para poder questionar de forma concreta a falta de iniciativa dos governos para implementar políticas pautadas pelo binômio sustentabilidade e desenvolvimento num contexto de crescentes dificuldades para promover a inclusão social. É importante o fortalecimento das organizações sociais e comunitárias, a redistribuição de recursos mediante parcerias, de informação e capacitação para participar crescentemente dos espaços públicos de decisão e para a construção de instituições pautadas por uma lógica social e harmoniosa (JACOB, 2003).

Apenas a garantia de renda a uma família pobre não permite, necessariamente, a plena inclusão emancipatória, pois pode haver a presença de pessoas com problemas psicológicos, de saúde, de dependência química, de baixa escolaridade, além das dificuldades tradicionais com moradia, transporte, saneamento básico, emprego, entre tantas outras condições de exclusão social. Assim, a oferta de uma ação governamental isolada não é suficiente para a abertura do ciclo estrutural da exclusão social (POCHMANN, 2004).

Compreender as formas de incluir e excluir e as relações de poder na produção do espaço turístico implica necessariamente entender o espaço como algo socialmente produzido, que expressa às contradições do modo de produzir ou as contradições do espaço. O Turismo é uma das modalidades do processo de acumulação, que vem produzindo novas configurações geográficas e materializando o espaço de forma contraditória, pela ação do Estado, das empresas, dos residentes e dos turistas. Perceber essa dinâmica significa entender as relações produtivas do espaço e o exercício de poder do Estado, das classes empresariais e trabalhadoras em movimento e conflito (CORIOLANO, 2005). Para Sasaki (1997, p. 3):

A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidade para todos (SASSAKI, 1997, p. 3).

A respeito da mesma temática, Moreira (2006, p. 11) apresenta que:

Em um sentido mais amplo, a inclusão social envolve também o estabelecimento de condições para que todos os habitantes do país possam viver com adequada qualidade de vida e como cidadãos plenos, dotados de conhecimentos, meios e mecanismos de participação política que os capacitem a agir de forma fundamentada e consciente (MOREIRA, 2006, p. 11).

Ocorre uma grande dificuldade no que diz respeito à terminologia a ser empregada para designar a inserção de um indivíduo na sociedade. De acordo com Sassaki (1997) a inclusão e a integração possuem significados diferentes, a integração significa a inserção de um indivíduo preparado para conviver em sociedade; e a inclusão trata-se da modificação da sociedade, pré-requisito para as pessoas buscarem seu desenvolvimento e exercerem a cidadania. Para o autor:

[...] uma sociedade inclusiva vai bem além de garantir apenas espaços adequados para todos. Ela fortalece as atitudes de aceitação das diferenças individuais e da valorização da diversidade humana e enfatiza a importância do pertencer, da convivência, da cooperação e da contribuição que todas as pessoas podem dar para construir vidas comunitárias mais justas, mais saudáveis e mais satisfatórias (SASSAKI, 1997, p. 164).

Com a ausência na articulação e integração das ações, o objetivo maior da inclusão social emancipatória termina geralmente não sendo alcançado, pois dificilmente há condições de identificação plena dos atendidos, seja com um ou mais programas, seja com segmentos sociais necessitados e não atendidos. Quando assistidos por um determinado programa, muitos segmentos sociais não se encontram integrados com outros programas, o que inviabiliza a operacionalização sistêmica de uma estratégia de inclusão social, sem falar na ausência de políticas públicas para a parcela social e economicamente excluída (POCHMANN, 2004).

A inclusão social está diretamente relacionada à exclusão social. A discussão das duas temáticas se concentra na dimensão dos indivíduos, tratando-se da busca pela inclusão desses mesmos. A procura pelo alcance da inclusão social detém um processo crítico, de incluir no meio social todos que se encontram aparentemente excluídos da sociedade, a partir de alguma causa. Torna-se viável a inclusão social com o intuito da cidadania, pois os direitos civis, políticos e sociais realizados nas condições de vida digna, são impedidos pela exclusão social de classe, renda, raça, gênero, entre outras questões.

O conceito de desenvolvimento humano foi apresentado em 1990, no primeiro Relatório de Desenvolvimento Humano do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), idealizado pelo economista paquistanês Mahbubul Haq. O desenvolvimento humano deve ser centrado nas pessoas e na ampliação do seu bem-estar, entendido não como o acúmulo de riqueza e o aumento da renda, mas como a ampliação da capacidade e da liberdade de escolher. A renda e a riqueza não são fins em si mesmas, mas meios para que as pessoas possam viver a vida que desejam (PNUD; IPEA; FJP, 2013).

Entretanto, o crescimento econômico de uma sociedade não se traduz automaticamente em qualidade de vida e, muitas vezes, o que se observa é o reforço das desigualdades. É necessário que este crescimento seja transformado em conquistas concretas para as pessoas: crianças mais saudáveis, educação universal e de qualidade, ampliação da participação política dos cidadãos, preservação ambiental, equilíbrio da renda e das oportunidades entre as pessoas, maior liberdade de expressão, entre outras. O acesso à saúde, educação e renda, são os principais requisitos para a liberdade das pessoas, onde são direitos básicos para a sociedade alcançar um padrão de vida digno, longo e saudável (PNUD; IPEA; FJP, 2013).

Diante de todo o exposto apresentado evidencia-se a dualidade do fenômeno Turismo. A qualidade dos impactos do Turismo sobre a população das localidades turísticas depende mais da sociedade que o implanta e/ou recebe, que do próprio Turismo. Reflete sobre a comunidade receptora a responsabilidade de estabelecer democraticamente e coletivamente as bases nas quais a atividade turística em seu território deve-se desenvolver. Na dimensão social do Turismo, é de total relevância a discussão sobre os impactos sociais do Turismo nas comunidades autóctones. Principalmente, a respeito do seu caráter positivo e negativo, refletindo sobre a identidade da localidade impactada. Especialmente no que concerne a capacidade de sustentação de um destino turístico, mantendo em seus ofícios tradicionais a população dessas regiões (PIRES, 2004).

Destaca-se que a maioria das conclusões sobre a percepção dos impactos advindos do desenvolvimento do Turismo mostra que os residentes percebem o impacto econômico como positivo, enquanto os impactos sociais,

culturais e ambientais são vistos, em muitos casos, como negativos, e em alguns casos, como neutros. Isso explica os resultados que demonstram que o ganho econômico advindo do Turismo tem melhor poder para prever o comportamento dos residentes que os impactos negativos (BENI, 2006).

Os impactos sociais do Turismo são uma das questões mais relevantes para o desenvolvimento turístico. A questão é avaliar, até que ponto os planos, programas e projetos turísticos, permitem o desenvolvimento das condições de vida das populações locais ou, ao contrário, até que ponto trazem consequências negativas para a comunidade local. Devem-se analisar seus efeitos em geração de emprego e renda, educação, saúde, entre outros aspectos sociais. Com isso, para Beni (2006, p. 55):

Os impactos no chamado “tecido social” são os principais componentes das questões sociais da comunidade. Tais impactos se referem às mudanças de comportamento e de relacionamento que ocorrem na comunidade em decorrência do contato do habitante local com pessoas de fora, de outro país ou de outras regiões. Esse tipo de impacto é um dos mais complexos, uma vez que ocorre lentamente, o que dificulta o estabelecimento de uma relação direta entre essas questões e o turismo. É importante assinalar que os problemas são diretamente proporcionais às diferenças entre a comunidade anfitriã e o turista, sejam elas econômicas, sociais, religiosas ou culturais (BENI, 2006, p. 55).

O Turismo pode gerar custos sociais em geral difíceis de estimar, mas que nem por isso são menos importantes. Os impactos econômicos do Turismo são observados em curto prazo, ou até mesmo imediatamente. Já os impactos sociais levam mais tempo para aparecer e, como mudanças qualitativas, podem ser sutis e dificilmente mensurados (LICKORISH e JENKINS, 2000). É necessária uma estratégia de desenvolvimento turístico que não se contente com o crescimento econômico a um ritmo respeitável. É preciso orientá-la para modalidades de crescimento com impactos sociais mais positivos e com uma melhor repartição dos resultados, sem esquecer a dimensão ambiental (SACHS, 2003).

Levando em conta os aspectos positivos e negativos dos impactos do Turismo, percebe-se que essa atividade precisa receber um novo tratamento: o planejamento do Turismo deve ser integrado ao planejamento global socioeconômico do país ou região. Todo progresso acarreta algum custo social, mas com as devidas precauções, sua implantação e seu

desenvolvimento podem minimizar os custos e aumentar os benefícios (BENI, 2006).

Os problemas sociais relativos ao Turismo iniciam-se pela construção das infraestruturas do Turismo, como hotéis, restaurantes, estradas, aeroportos, etc. Gerando um aumento do fluxo de pessoas no destino, no qual, predominantemente, questões como alcoolismo, prostituição e crimes tornam-se mais frequentes. Apesar de haver pouca literatura sobre o assunto, trata-se de um problema evidenciado em outras áreas (BENI, 2006). De acordo com Beni (2006, p. 55/56), podem-se citar como cenários dos principais impactos sociais na implantação de empreendimentos turísticos:

- A cidade cresce descontroladamente, grandes mudanças em relação à procedência de seus habitantes e na estrutura do gênero, uma vez que a maioria dos migrantes era composta por homens;
- Prostituição adulta e infantil;
- Doenças sexualmente transmissíveis;
- Aumento de outras doenças decorrentes de carência de estrutura, ausência total de saneamento básico; insuficiência na coleta e armazenagem do lixo urbano; ausência de local apropriado para o abatimento de animais;
- Aumento e proliferação do consumo de drogas;
- Desemprego, uma vez que o término da execução de grandes obras ou de resorts turísticos acaba deixando desempregados tanto trabalhadores locais como os provenientes de outras regiões, que migraram para a localidade apenas em função de determinada empreitada (BENI, 2006, p. 55/56).

O certo é analisar e conhecer os impactos do Turismo, tanto negativos como positivos, para minimizar seus custos sociais e maximizar seus benefícios econômicos, sem perder o foco de que todo o processo de crescimento das atividades turísticas nos países ou regiões em desenvolvimento é acompanhado de mudanças no cenário sociocultural. Entretanto, é possível minimizar esses efeitos conflitantes mediante a integração da política de desenvolvimento turístico com a estratégia geral de desenvolvimento (BENI, 2006).

O setor turístico demanda um tipo de planejamento integrado, indicando, que todos os seus componentes devem estar devidamente sincronizados e sequencialmente ajustados, a fim de produzir o atendimento das metas e diretrizes da área de atuação de cada um dos componentes a um só tempo, para que o sistema global possa ser implementado e imediatamente passar a ofertar oportunidades de pronto acompanhamento, avaliação e revisão (BENI, 2002). Para Gastal & Moesch (2007, p. 73):

[...] o turismo passará a exigir não só políticas públicas que visem a preparar os destinos para receber visitantes, mas também políticas públicas que venham a garantir, mesmo a grupos economicamente excluídos, o exercício e o usufruto do lazer e, por extensão, do turismo (GASTAL & MOESCH, 2007, p. 73).

O Turismo pode exceder sua perceptiva econômica, mas com uma visão mais crítica, inserindo o respeito em relação às populações nativas dos destinos turísticos, transformando-se num meio de inclusão, aceitação e convívio, em favor de um Turismo local benéfico à população de forma justa. No qual o desenvolvimento endógeno poderia ser um importante aliado, pois:

Os efeitos positivos do desenvolvimento regional e endógeno dependem da incorporação do território socialmente organizado, da capacidade das populações locais de agir com criatividade a partir da produção do conhecimento, e das inovações geradas pelo seu tecido produtivo. A construção de ambientes inovadores e criativos estará diretamente relacionada aos movimentos dos grupos locais quando estes percebem as diversas maneiras de produzir e reproduzir o desenvolvimento a partir do relevante papel de cada grupo no conjunto dos territórios e da sociedade (BENI, 2006, p. 62).

O Turismo pode contribuir para o processo de inclusão social, entre as diversas esferas da comunidade. A dificuldade dessa inclusão na comunidade receptora convém de diversos fatores, entre eles, as divisões de classes, status e poder, no qual, corroboram com problemas na igualdade de acessos aos recursos e na distribuição dos benefícios.

Os estudos e discussões sobre os impactos sociais pelo desenvolvimento turístico vêm chamar a atenção da necessidade cada vez maior de contar com a participação da comunidade nas decisões quanto ao planejamento e desenvolvimento do Turismo no município, estado ou país. Muitas localidades marginalizadas identificam no Turismo uma alternativa para o desenvolvimento local, devido à prática turística contribuir, principalmente, para o crescimento econômico e a geração de emprego e renda. Contudo, será que a comunidade local pode contribuir no processo de planejamento e desenvolvimento do Turismo que melhor se aproxima da realidade local de seu próprio município? Ou essa participação é mais uma seletiva e atende apenas os detentores do capital regulados pelas lógicas mercadológicas?



A sociedade é constituída por elementos materiais e simbólicos que se entrelaçam e se consubstanciam em realidade concreta, segundo a percepção que deles tenha a população envolvida; ela é, pois, um misto de aspectos objetivos e subjetivos. Esta percepção, entretanto, não é homogênea, variando segundo a posição que os indivíduos e os grupos ocupam na estrutura social, ou seja, a partir de sua posição de classe. A divisão em classes sociais é consequência da apropriação das riquezas por poucos, através da exploração econômica, o que gera pobreza e a miséria de muitos (HAGUETTE, 1995, p. 155).

Os direitos da cidadania expressam-se nas relações sociais. A atual realidade das desigualdades territoriais e/ou espaciais reflete à acumulação e concentração de poder nas regiões centrais, configurando-se numa segregação social que provoca a negação do acesso à cidadania. Pode-se observar que com universalização de oportunidades e direitos, também deixa de lado as condições de acesso aos mesmos. Porém, a população local marginalizada consegue manifestar a soberania do seu poder sobre seu território? Qual o limite do Turismo como instrumento de crescimento e de valorização do ser humano? Ainda assim, até que ponto o viés econômico contrapõe o social?

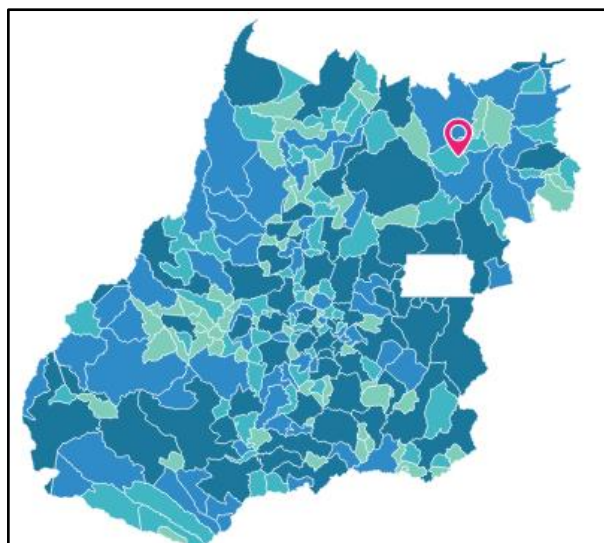
Após a luz das teorias apresentadas nesse primeiro capítulo materializa-se o seguinte problema de pesquisa: Em que medida, ao longo do processo histórico do desenvolvimento do Turismo em Alto Paraíso, os sujeitos do território têm percebido os impactos na localidade?

## **1.2 – PERCORRENDO CAMINHOS POR ALTO PARAÍSO**

Alto Paraíso é um município que se situa no nordeste do estado de Goiás. Localizado na Chapada dos Veadeiros, junto às outras cinco cidades: Cavalcante, Teresina de Goiás, Colinas do Sul, Nova Roma e São João D'Aliança. Possui a distância de 230 km de Brasília-DF e a 420 km de Goiânia-GO.

A população municipal estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2017, foi de 7.514 habitantes, distribuídos em uma área territorial de 2.593,905 km<sup>2</sup>, que resulta em uma densidade demográfica de 2,65 hab/km<sup>2</sup> (IBGE, 2017). Os principais setores econômicos do município são o setor agropecuário e de serviços, tendo este último maior impacto na distribuição do PIB local (GOIÁS TURISMO, 2012).

**Figura 01:** Localização de Alto Paraíso de Goiás no Estado de Goiás



Fonte: (IBGE, 2017).

Os primeiros registros de ocupação humana na região são de tribos indígenas como os Cayapós, os Xavantes e os Guayazes. Depois vieram os bandeirantes em busca de minas de ouro e escravos foragidos, dando início ao ciclo da mineração nos arredores da região da Chapada dos Veadeiros, que levou ao surgimento de Cavalcante, em 1740. Nessa época, Alto Paraíso de Goiás chamava-se Veadeiros e pertencia a Cavalcante. O local consistia em uma fazenda, em um pequeno núcleo de colonização. Este nome foi dado por causa do alto número de veados na região (PREFEITURA MUNICIPAL DE ALTO PARAÍSO DE GOIÁS, 2017).

A cultura do trigo está intimamente ligada ao desenvolvimento desta região. Segundo o Plano Diretor de Alto Paraíso de Goiás, em 1780, a região do entorno de Cavalcante já possuía quatro engenhos de trigo e há notícias de que o trigo foi plantado pela primeira vez em Veadeiros, na Fazenda Volta da Serra (BRASIL, 2009). O solo demonstrou-se bom para o plantio do trigo e do café. Em 1850, em Chicago é premiada uma variedade de trigo chamada Veadeiros, projetando a cidade pela primeira vez no cenário internacional. Em 1862, o município bateu recorde na safra de 20 toneladas. Com o passar do tempo, o ouro foi se esgotando e as lavras sendo abandonadas (PREFEITURA MUNICIPAL DE ALTO PARAÍSO DE GOIÁS, 2017). O histórico do município coloca que a produtividade expressiva foi mantida até 1890, quando se deparou com a falta de mão de obra provocada pela libertação dos escravos

em função da Lei Áurea. A produção foi diminuindo até sua quase total extinção no início deste século (BRASIL, 2009).

Veadeiros foi criado pelo Decreto Lei Estadual de número 557, de 30 de março de 1938. A partir da fundação de Veadeiros, começaram a se desenvolver a agricultura e a pecuária para atender a demanda gerada pela descoberta do ouro em Cavalcante. Em 1953, por meio de alianças políticas, chega a emancipação de Veadeiros, que se desliga de Cavalcante e sobe à categoria de município (PREFEITURA MUNICIPAL DE ALTO PARAÍSO DE GOIÁS, 2017).

Dez anos depois, Veadeiros passou a denominar-se Alto Paraíso de Goiás, que surgiu em virtude da mobilização dos vereadores da época que realizaram uma votação, no qual cada vereador tinha direito de sugerir dois nomes para a cidade. O vencedor sugeriu este nome por causa de sua fazenda, chamada Paraíso e que fica a uma altitude mais baixa do que a antiga Veadeiros, logo ele imaginou a fazenda paraíso no alto: Alto Paraíso (PREFEITURA MUNICIPAL DE ALTO PARAÍSO DE GOIÁS, 2017).

Na região da Chapada dos Veadeiros, principalmente no município de Alto Paraíso de Goiás, há vestígios de antigos garimpos por toda parte. Em 1911, iniciaram-se as primeiras buscas aos cristais, nos locais entre o Rio Preto e Tocantins, nas proximidades das trilhas ao vão da Capela e Arraial de Lages, quando ainda não havia estradas cavaleiras. Para este local deram o nome de “Garimpinho”. No ano seguinte, houve a exploração de jazidas mais ricas, após o primeiro salto do Rio Preto, no sítio denominado “Garimpão”, o maior garimpo da região e sede de todas as descobertas. O cristal era vendido por arroba, compradores de pedras, exportadores e garimpeiros vinham de vários outros locais (São João D’Aliança, Posse, Formosa, Guarani, etc.), de forma que o “Garimpão” chegou a sustentar entre cinco e dez mil pessoas (BRASIL, 2009).

Por volta de 1935, a continuação da exploração e descobertas de jazidas estabeleceu pequenos povoados em função de garimpos como o da Santana, Buritirama, Raizama e Pequizeiro. No início da década de 40, estabeleceram-se os garimpos do Silêncio, Segredo, Boa Sorte e da Estiva, este último com quantidades de cristal que saiam puxados por carros de bois. A partir de 1944,

Fiandeiras constituiu um grande acampamento de garimpeiros, com comércios, botecos, médicos e mulheres (BRASIL, 2009).

O povoado de São Jorge, a antiga Baixa, recebia este nome porque ficava em um local abaixo de Alto Paraíso. Em 1951, após a segunda guerra mundial, aumentou a procura de cristais para fazer material bélico. Este fato da história mundial influenciou na fundação da Vila de São Jorge, pois o local possui enormes veios de cristal de quartzo e ali se constituiu uma pequena vila de garimpeiros de caráter provisório (PREFEITURA MUNICIPAL DE ALTO PARAÍSO DE GOIÁS, 2017).

O cristal de quartzo, conhecido como “lasca”, passou a ter grande aceitação com o desenvolvimento do cristal artificial a partir do cristal de rocha por países como Japão e EUA. Com sua renda, muitos moradores do povoado tiveram condições para fazer suas casas com paredes de adobe e cobri-los com telha (BRASIL, 2009, p. 274).

Em 1956, a cotação do cristal caiu em função da criação do cristal sintético e ao mesmo tempo começou a construção de Brasília que acabou atraindo os garimpeiros da antiga Baixa em busca de bons salários. Com a inauguração de Brasília, muitos antigos garimpeiros retornaram. Como o preço do cristal no mercado melhorou, deu-se início a melhor fase do garimpo de São Jorge, fase que se estendeu até 1964, quando o golpe militar derrubou João Goulart e a junta militar que assumiu o poder e realizou intervenções nas firmas que exportavam cristal para o exterior dando início à decadência do garimpo de cristal na antiga Baixa que continuou sobrevivendo apenas das lascas dos mesmos cristais, até que se tornou inviável a subsistência de muitas famílias que tiveram que se mudar em busca de melhores condições. Em 1989, começa a nova fase de São Jorge, com a organização de Brasília a economia do povoado volta a crescer com a chegada de cristais (PREFEITURA MUNICIPAL DE ALTO PARAÍSO DE GOIÁS, 2017).

Nos últimos 50 anos, milhares de garimpeiros vasculharam toda a área em busca do cristal. Os principais garimpos de cristal nas proximidades se situam, hoje, onde é a vila São Jorge, destacando-se os garimpos Fiandeiras e Garimpão (BRASIL, 2009). A queda da atividade garimpeira na região ocorreu devido “ao desaparecimento dos compradores entre as décadas de 1980 e 1990 e o estabelecimento do uso público no Parque Nacional da Chapada dos

Veadeiros (PNCV) que transfigurou completamente os costumes e as fontes de renda das comunidades locais” (BRASIL, 2009, p. 274).

Devido à queda do valor do cristal e a construção de Brasília, ocorreu uma grande redução populacional e os garimpos ficaram parados durante todo o governo de Juscelino Kubitschek e, em 1961, foi criado o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros – PNCV (BRASIL, 2009). Na década de 1990, quando a organização do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV) estabeleceu procedimentos mais rígidos e ecologicamente corretos, e a unidade passou a englobar resíduos dos grandes garimpos da região, com isso, a atividade garimpeira passou a ser desmoralizada e associada à destruição (BRASIL, 2009). A recordação dos garimpos locais é indispensável na história da região da Chapada dos Veadeiros, pelos próprios vestígios que sua época de auge deixou expostos em áreas da Unidade de Conservação (UC).

Na década de 1950, ocorreu um marco importante para o início do Turismo no município, com o surgimento do movimento esotérico e espiritual decorrente da fundação da primeira escola da Fazenda Bona Espero e, uma década depois, fundou-se a escola batizada de Cidade da Fraternidade, fundada pela organização espírita Kardecista. A partir de então, começou um processo histórico e cultural do movimento de busca espiritual com a migração de místicos e alternativistas para o município (SEBRAE, 2011).

No ano de 1980, fortalecendo esse movimento espiritual, iniciou o “Projeto Rumo ao Sol”, no qual teve como objetivo um modelo de vida em comunidade, com alimentação natural, contato com a natureza e crescimento espiritual. Assim, Alto Paraíso de Goiás foi eleito como um local para um desenvolvimento social alternativo (BRASIL, 2009).

O turismo vem adquirindo importância desde a migração de grupos esotéricos, no final da década de 70. Após o início da visitação organizada no PNCV, a atividade tomou impulso e registrou crescimento até pouco tempo atrás, iniciando um processo de declínio, especialmente em Alto Paraíso de Goiás. Um grande percentual da população no município e a maioria absoluta da população de São Jorge garantem suas rendas por meio de atividades direta ou indiretamente ligadas ao turismo (BRASIL, 2009, p. 156).

Tem em seu distrito, Vila de São Jorge, o portão de entrada do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, eleito Patrimônio Natural da Humanidade

pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Com altitude média de aproximadamente 1.300 metros, a sede do município é a cidade mais alta do Planalto Central Brasileiro. E toda essa região encontra-se sobre uma imensa placa de cristal de quartzo (SEBRAE, 2011).

A maior parte dos serviços de apoio ao Turismo (pousadas, campings, restaurantes, lanchonetes, etc.) se concentra em Alto Paraíso e principalmente, na Vila de São Jorge (BRASIL, 2009). Devido ao Turismo, a Vila passou por várias transformações:

Em cerca de trinta anos, a localidade foi quase que completamente transfigurada, restando apenas seu traçado característico, ruas de terra batida e poucas residências antigas. As casas, antes todas de adobe e palha de cobertura, deram lugar a edificações mais sofisticadas, algumas modernas e exóticas, embora parte delas procure aliar características rústicas, por exemplo, com o uso de bambus para delimitar as glebas (BRASIL, 2009, p. 158).

A região é considerada pelos turistas como destino apropriado para os que buscam descanso em meio às belezas naturais e astral místico, sendo, ainda, associada à aventura nos cânions rochosos, trilhas, cachoeiras e nascentes de águas puras e cristalinas, além de contar com a recepção de um povo hospitaleiro (SEBRAE, 2011).

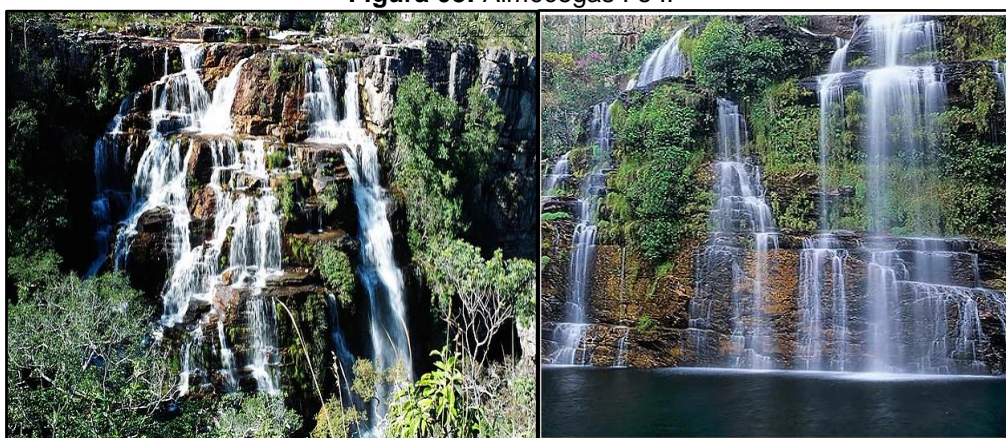
Os turistas podem optar por atividades culturais, de aventura, descanso, relaxamento e eventos de entretenimento. O município oferece entretenimento nos diversos atrativos naturais: cachoeiras, *cânions*, formações rochosas, cavernas, flora e fauna. Contribuindo para a prática do ecoturismo e o Turismo de aventura, com destaque para atividades como: tirolesa, arvorismo, *hiking*, *trekking*, *mountain biking*, *cascading*, canionismo, *rafting*, boia-cross, cavalgadas, observação de pássaros, entre outros (SEBRAE, 2011).

Existem atrativos para perfis diversificados e surgem novos empreendimentos e investimentos no setor a cada ano. Um público que inicialmente se resumia a Brasília e redondezas, hoje já atinge outros estados brasileiros e países. Entre os atrativos mais divulgados, encontra-se o Vale da Lua (Figura 02), assim denominado por sua feição de paisagem lunar de grande atratividade visual. Também o complexo Almécegas I e II (Figura 03), Raizama, a cachoeira Loquinhas, estes estão entre os mais procurados, por seu acesso e infraestrutura (BRASIL, 2009).

**Figura 02: Vale da Lua**



**Figura 03: Almécegas I e II**



**Fonte:** (Guia Alto Paraíso, 2017).

O município compreende uma infraestrutura disponível que atende tanto a população local quanto os turistas, os recursos construídos e atribuídos ao Turismo compõem a oferta de serviços. No qual, provoca um aumento absurdo dos preços de bens e serviços, que conseqüentemente, são impostos também à população nativa. Assim, os meios de hospedagem estão distribuídos:

A rede hoteleira está concentrada nos centros urbanos de Alto Paraíso e vila de São Jorge, embora ofereça um pequeno número de facilidades hoteleiras, pode ser considerada suficiente para o atendimento do turista de natureza. A rede conta com um total de 05 hotéis e 56 pousadas, 07 campings em Alto Paraíso e 15 em São Jorge, respectivamente, possibilitando a hospedagem simultânea de até 3.100 pessoas em hotéis/pousadas e 3.000 em camping (SEBRAE, 2011, p. 18).

Os eventos culturais e de entretenimento são realizados pela comunidade ou entidades locais, ocorrendo geralmente em espaços abertos, destacando-se o evento Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, que ocorre anualmente na Vila de São Jorge (SEBRAE, 2011), o qual ocorre com o seguinte objetivo:

O evento foi criado para promover, fortalecer e integrar manifestações populares como a Catira, o Congo, a Curraleira, a Sussa e o Batuque<sup>3</sup>, pertencentes ao universo cultural da região Centro-Oeste, em especial dos estados de Goiás e Tocantins. Juntamente com os recursos naturais, as belezas cênicas e a biodiversidade, a cultura é um dos atrativos básicos do ecoturismo, considerado o grande potencial econômico da região (BRASIL, 2009, p. 30).

O Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, tem como intuito a preservação e o fortalecimento das tradições culturais da Chapada dos Veadeiros, impulsionado pela situação de exclusão social das comunidades rurais e sua marginalização tanto da prática política como da cultura nacional. Além de oferecer um espaço público para o aproveitamento da comunidade, é um projeto orientado pelos valores como a qualidade de vida e proteção do meio ambiente (BRASIL, 2009).

Na cidade estão instalados mais de 40 grupos místicos, filosóficos e religiosos, o que a transforma, segundo a Goiás Turismo, na Capital Brasileira do Terceiro Milênio. O paralelo 14, o mesmo que atravessa a cidade de Machu Picchu, no Peru, passa sobre Alto Paraíso, originando histórias sobre a região ligadas ao misticismo e ufologia. O município é considerado o santuário goiano da ecologia, do misticismo, das terapias naturais e do espiritualismo. É um dos cartões postais mais apreciados do estado de Goiás, por conta de seus atrativos naturais e culturais (GOIÁS TURISMO, 2012).

---

<sup>3</sup>Catira, ou cateretê, é uma dança do folclore brasileiro, em que o ritmo musical é marcado pela batida dos pés e mãos dos dançarinos (Disponível em: <<http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=104>>).

Congo é um dos muitos conjuntos de danças, músicas e manifestação folclóricas trazida pelos escravos ao Brasil, é particularmente caracterizada pelo uso de tambores em variados tamanhos, trajes e coreografias típicas e cânticos que invocam os deuses. (Disponível em: <<https://www.visiteobrasil.com.br/centro-oeste/mato-grosso/folclore/conheca/danca-do-congo>>)

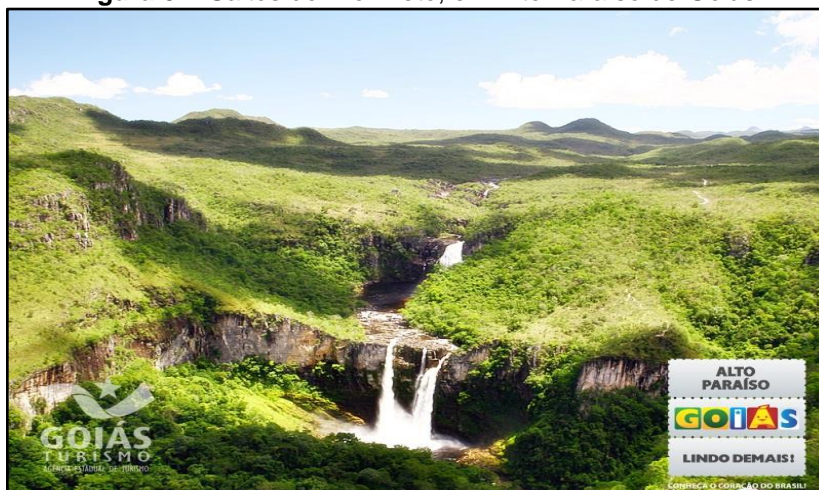
Curraleira é uma dança complexa e de muitas variações; os temas da cantoria vêm de algum acontecimento prezado pelos próprios foliões ou de curiosidades surgidas na comunidade; é dançada apenas por homens, eles tocam e dançam ao mesmo tempo (RODRIGUES, 2011).

Sussa feita no geral por mulheres, elas giram em seus vestidos coloridos, aproximando e afastando os corpos numa espécie de umbigada. Muitas vezes bebem enquanto dançam. O ritmo da percussão dialoga com o canto e demais instrumentos. Pode ser dançada ocasionalmente por casais, com os corpos se aproximando e se afastando (RODRIGUES, 2011).

Batuque é uma dança de origem africana, do ritual da procriação; é dançado em terreiro ou praça pública, uma fileira de homens fica ao lado dos tocadores e as mulheres ficam a 15 metros de distância (Disponível em: <<http://www.mundodadanca.art.br/2010/05/danca-folclorica-batuque.html>>).



**Figura 04:** Saltos do Rio Preto, em Alto Paraíso de Goiás.



**Fonte:** (Goiás Turismo, 2017).

É o destino turístico mais divulgado da região mais elevada do Planalto Central, área reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como Reserva da Biosfera. A elaboração de roteiros e a comercialização de pacotes turísticos contemplando roteiros e atrativos são realizados pelas seguintes agências receptivas sediadas no município: Alternativa Ecoturismo; Ecorotas Turismo; Transchapada Ecoturismo; e Expedições Travessia Ecoturismo (GOIÁS TURISMO, 2012).

Em relação ao acesso à cidade, pode ser feito por vias rodoviárias no sentido sul pela BR-010 ou GO-118, interligando Alto Paraíso a Brasília-DF. Seguindo pela BR-060, chega-se à Goiânia-GO e, ao norte, a Palmas-TO pela BR-010 e TO-050. Pode-se ainda optar por diversas estradas próximas que conectam o município aos demais destinos da Chapada dos Veadeiros. O acesso aéreo pode ocorrer para pousos privados, utilizando o aeródromo localizado na cidade de Alto Paraíso ou pelo Aeroporto Internacional de Brasília, que possui uma distância de 220 km (SEBRAE, 2011).

Em 1979, o governo do Estado de Goiás implantou o “Projeto Alto Paraíso”, dentro de seu Plano de Desenvolvimento Integrado (elaborado pelo Instituto de Desenvolvimento Urbano de Goiás - INDUR, extinto em 1985). Foi um projeto de incentivo à colonização, por meio da instalação de diversos equipamentos urbanos, dentre eles, algumas infraestruturas que tiveram influência nos primórdios da atividade turística na região, como a construção da pista de pouso do município de Alto Paraíso de Goiás, a abertura da GO-239 e

o primeiro acesso a um atrativo do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros - PNCV (BRASIL, 2009).

A Lei nº 617/2.000 dispõe sobre o Plano Diretor Urbano, Rural e Ambiental do Município de Alto Paraíso de Goiás. É o instrumento básico, global e estratégico da política de desenvolvimento urbano, rural e ambiental do município, assim como, de orientação dos agentes públicos e privados que atuam na produção e gestão da localidade (PREFEITURA MUNICIPAL, 2000).

O plano apresenta como visão:

O ordenamento do pleno desenvolvimento das funções sociais da propriedade, bem como o uso socialmente justo e ecologicamente equilibrado do território de Alto Paraíso, de forma a assegurar o bem estar e melhor qualidade de vida de seus habitantes, consoante disposições contidas no Art. 171 e 187 da Lei Orgânica do Município (PREFEITURA MUNICIPAL, 2000, p. 01).

Entre as 22 propostas para alcançar os objetivos propostos do plano diretor, foram selecionadas as oito abaixo, devidas suas contribuições e relevância para este trabalho. Conforme o Artº 2 da Lei nº 617/2.000 foi competido criar condições para:

I – a participação da comunidade, diretamente ou através de suas entidades representativas, no estudo, encaminhamento e solução dos problemas, planos, programas e projetos que lhes sejam pertinentes;

IV – a observância de padrões urbanísticos de segurança e qualidade de vida;

VI – a urbanização, a regularização fundiária, e a titulação das áreas onde esteja situada a população de baixa renda;

VII – a busca do acesso à propriedade e à moradia a todos;

VIII – a justa distribuição dos benefícios e ônus decorrentes do processo de urbanização;

XIV – a criação de oportunidade de trabalho e progresso econômico e social a trabalhadores do município;

XV – a atuação coordenada dos segmentos da produção, transporte e comercialização;

XIX – o incentivo ao cooperativismo e associativismo;

XX – a adoção de diretrizes gerais de desenvolvimento socioeconômico, fixadas na presente Lei, como normas básicas do Plano.

O Plano de Desenvolvimento Turístico do Município de Alto Paraíso 2011/2014 determinou os segmentos prioritários do município como sendo o ecoturismo, Turismo de bem estar e o Turismo de aventura. Como visão, o plano almeja ser reconhecido como melhor destino turístico de bem-estar do Brasil, unindo natureza e espiritualidade nas premissas da sustentabilidade (SEBRAE, 2011).

Esse plano municipal prevê ações de estratégias para contribuir no desenvolvimento do Turismo no município, no qual, foram atribuídas duas estratégias, sendo a primeira “gerar atributos aos produtos turísticos” e a segunda “ampliar o acesso a novos mercados turísticos nacional e internacional” (SEBRAE, 2011). Conforme o diagrama da figura abaixo:

**Figura 05:** Diagrama do Plano Estratégico de Desenvolvimento Turístico do Município de Alto Paraíso



**Fonte:** (Plano de Desenvolvimento Turístico do Município de Alto Paraíso - 2011/2014).

Foi elaborado um mapa estratégico para estabelecer uma relação construtiva entre as diretrizes propostas, suas ações e possíveis resultados. O mapa foi estruturado em quatro dimensões: visão, objetivos operacionais, resultados intermediários e diretrizes. As dimensões são entendidas como níveis gradativos alcançados pela estratégia. Os recursos localizados na base do mapa representam a parte operacional da estratégia. Os projetos e iniciativas terão impacto nos resultados operacionais que, resultarão nos objetivos. Logo, representando um processo para uma efetiva contribuição para o desenvolvimento sustentável do Turismo (SEBRAE, 2011).

**Figura 06:** Mapa Estratégico do Turismo do Município de Alto Paraíso



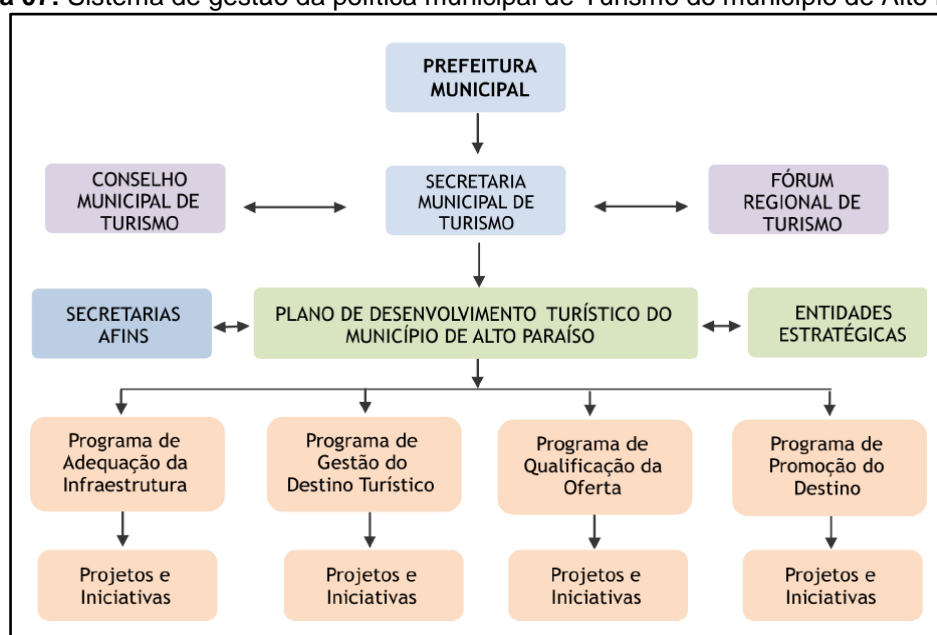
**Fonte:** (Plano de Desenvolvimento Turístico do Município de Alto Paraíso - 2011/2014).

O município apresenta programas e projetos que visam aumentar a competitividade no mercado nacional, no período de 2011 a 2014. Esse conjunto de programas e projetos em sua teoria deveria proporcionar a participação dos atores envolvidos no Turismo e a realização de ações de forma integrada e articulada na estruturação e na promoção como destino turístico. As atividades a serem executadas pelos vários atores estavam inseridas em quatro programas estratégicos, sendo: Programa 01 – Adequação da infraestrutura turística; Programa 02 – Qualidade da oferta turística; Programa 03 – Promoção do destino turístico; e o Programa 04 – Gestão do destino. Dentro deste último programa, deveria ser estruturado, além do processo de gestão do Turismo, a avaliação e o monitoramento de resultados dos projetos e ações propostas no Plano de Desenvolvimento Turístico (SEBRAE, 2011).

Em relação ao sistema de gestão da política municipal de Turismo, a gestão do Turismo da cidade está organizada a partir das decisões e orientações efetuadas pela Secretaria Municipal de Turismo e pelo Conselho Municipal de Turismo. Em conjunto, essas instituições buscam o alinhamento das ideias e procedimentos para o desenvolvimento do Turismo no território. A Secretaria Municipal tem como função articular com as instâncias de

governança municipal, regional e estadual, com as secretarias municipais afins e entidades parceiras estratégicas envolvidas no desenvolvimento do Turismo no destino, tornando possível viabilizar a implementação e o monitoramento do plano de desenvolvimento do Turismo por meio dos programas, projetos e iniciativas compartilhadas (SEBRAE, 2011).

**Figura 07:** Sistema de gestão da política municipal de Turismo do município de Alto Paraíso



**Fonte:** (Plano de Desenvolvimento Turístico do Município de Alto Paraíso - 2011/2014).

Dessa forma, para apreender uma parte do processo do desenvolvimento turístico municipal pretende-se realizar um estudo de caso do destino Alto Paraíso de Goiás, com o foco em analisar os impactos ocasionados pelo desenvolvimento do Turismo na localidade. Alto Paraíso é reconhecida por suas belezas naturais exuberantes, sua rica fauna e vegetação do Cerrado, sendo um destino de grande potencial turístico, conectando natureza e espiritualidade.

Faz-se necessário dimensionar os impactos sociais causados pelo desenvolvimento turístico na comunidade, contribuindo para o reconhecimento desse processo turístico. Contudo, também apreender o problema de pesquisa: o Turismo como uma possibilidade de desenvolvimento social conseguiu alcançar à transformação e melhoria na qualidade de vida da comunidade local? Almeja-se que a presente investigação possa colaborar para iniciativas de ações municipais que resultem na promoção da qualidade de vida e bem estar social dos moradores nativos, e contribuir para o aprofundamento do

debate teórico acerca da responsabilidade social no setor de Turismo no município de Alto Paraíso de Goiás. Assim, questionam-se quais foram os limites e as possibilidades de um desenvolvimento social e incluyente por meio do Turismo na localidade a partir do momento que se tornou destino indutor?

## **CAPÍTULO 02: CAMINHOS METODOLÓGICOS TRILHADOS**

Este trabalho tem como lócus de pesquisa o município de Alto Paraíso de Goiás, situado no estado do Goiás. O recorte temporal proposto foi determinado entre os anos de 2007 a 2017, a escolha se deu neste período pois desde 2007 o município tornou-se um destino indutor<sup>4</sup>, assim, pretende-se verificar o que ocorreu nessa localidade durante esses anos até o presente momento. O problema da pesquisa é identificar se o Turismo como uma possibilidade de desenvolvimento social conseguiu alcançar a transformação e melhoria na qualidade de vida da comunidade local? Com isso, questiona-se a qualidade desse desenvolvimento do Turismo no município, ao longo desses dez anos.

A importância desta investigação se faz necessário para a concepção de um estudo sobre a estrutura inerente ao processo de desenvolvimento do Turismo no destino. Cabe destacar que tem como foco apreender a dimensão da realidade social no município, decorrente da atividade turística. Para responder à questão de pesquisa, tem-se como objetivo geral: analisar os impactos sociais no processo de desenvolvimento turístico no destino Alto Paraíso de Goiás (GO). Para alcançar esse objetivo geral desenharam-se os seguintes objetivos específicos:

- Analisar como se processou historicamente o desenvolvimento do Turismo em Alto Paraíso de Goiás (GO);
- Analisar as alterações no IDHM e no IFDM da localidade contemplando o recorte temporal;
- Levantar informações junto aos moradores locais sobre a percepção dos impactos do Turismo na localidade;
- Verificar se na localidade há práticas includentes em relação ao desenvolvimento do Turismo.

A presente pesquisa caracteriza-se de natureza qualitativa, de nível exploratória e interpretativa, pois pretende-se verificar os impactos do Turismo na sua dimensão social na localidade, mostrando uma percepção da realidade

---

<sup>4</sup>Para o Programa de Regionalização do Turismo, os destinos indutores de desenvolvimento turístico regional deverão ser aqueles que possuem infraestrutura básica e turística e atrativos qualificados, que se caracterizam como núcleo receptor e/ou distribuidor de fluxos turísticos, isto é, aqueles capazes de atrair e/ou distribuir significativo número de turistas para seu entorno e dinamizar a economia do território em que estão inseridos (FGV/MTUR/SEBRAE, 2008, p. 18).

acarretada pelo desenvolvimento do Turismo, principalmente, na qualidade de vida dos sujeitos do território. Para Marshall e Rossman (1989, p. 46) a utilização da pesquisa qualitativa ocorre para as seguintes situações:

- a pesquisa não pode ser realizada de modo experimental, por razões práticas ou éticas;
- a pesquisa tem por objetivo aprofundar processos ou fenômenos complexos;
- a pesquisa comporta variáveis pertinentes, que não tenham ainda sido delimitadas;
- a pesquisa pretende explorar em que momento e onde os políticos, o bom senso popular e a prática malogram;
- a pesquisa se refere a sociedades desconhecidas ou estruturas inovadoras;
- a pesquisa se refere aos processos organizacionais, suas ligações informais e não-estruturadas;
- a pesquisa se refere aos objetivos organizacionais reais, por oposição àqueles que são pretendidos (MARSHALL, ROSSMAN, 1989, p. 46).

Esse tipo de pesquisa apresenta um nível da realidade que não pode ser quantificada, trata-se de uma análise mais profunda e completa, embora seja incompleta uma vez que a complexidade do território não permite ser desvelada em apenas uma única pesquisa. Contudo, tem-se aqui o esforço para dar visibilidade a problemática indagada de modo a suscitar a continuidade de pesquisas na área, pois afinal, Alto Paraíso está caminhando para atender qual sentido de desenvolvimento pelo Turismo? Embora seja apenas um recorte, de sujeitos pesquisadores que escrevem e olham para esse território, onde cada qual apreende a realidade de uma forma, coloca-se que as contradições são práticas presentes, por isso, buscou-se atrelar uma metodologia condizente para atender ao objetivo proposto.

Não obstante, a pesquisa qualitativa tem sido muitas vezes utilizada para descrever uma situação social, ou para explorar determinadas questões, que dificilmente, o pesquisador que recorre a métodos quantitativos consegue abordar. Efetivamente, por seu caráter exemplar e fugaz, vários fenômenos sociais resistem à mensuração. Assim, uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória possibilita familiarizar-se com pessoas e suas preocupações. Também pode servir para determinar os impasses e os bloqueios capazes de entravar um projeto de pesquisa em grande escala (DESLAURIERS; KÉRISIT; 2012).

Para atender a complexidade da pesquisa optou-se por utilizar os princípios do método dialético, pois, a dialética, sua filosofia, permite pensar as



contradições da realidade, uma realidade que está em permanente transformação (KONDER, 2008). A dialética acredita que a contradição mora dentro da realidade, e é isto que a faz uma constante vir a ser, um processo interminável, criativo e irrequieto, o que atribui à realidade um caráter histórico (DEMO, 1990). Para o autor é:

[...] mais conveniente para compreender a realidade social, que para além das condições objetivas, é movida igualmente por condições subjetivas, equilibrando, adequadamente, o jogo das condições objetivas e subjetivas da realidade histórica, onde o ponto próprio da dialética é o horizonte da historicidade, buscando em suas raízes históricas o entendimento para os processos da realidade (DEMO, 1995, p. 88).

A marca central da dialética é reconhecer a essencialidade da prática histórica, ao lado da teoria, não aceitando a diferenciação entre estudar problemas sociais e enfrentar problemas sociais. É um convite insistente à discussão e à prática, à criatividade, ao diálogo crítico e produtivo. A dialética turística propõe uma contradição transformadora, dinâmica, histórica, subjetiva que possibilita novas formas de investigação das experiências cotidianas (MOESCH, 2002). Para a autora, a dialética é:

um processo epistemológico crítico essencial, cujo campo de pertinências se situa não na teoria como formulação analítica das soluções, mas no nível pré-teórico dos problemas que fundamentam possibilidades de teorização, como as que são objeto da presente análise (MOESCH, 2002, p. 50).

A alma da dialética é a antítese, é onde toda realidade social gera, por dinâmica interna própria, seu contrário, ou as condições objetivas e subjetivas para sua superação. Alimenta-se da estrutura do conflito social, tornando-se também marca estrutural da história, que caminha por antíteses. O esquema básico consagra-se em: tese, antítese e síntese. Na realidade, apenas tese e antítese, pois a síntese é a próxima tese. Tese é toda formação social, a realidade social historicamente contextualizada ou contextualizada? (DEMO, 1995).

A realidade social não é determinada, mas condicionada, o que permite várias atribuições de maneiras do seu acontecer. As condições objetivas são aquelas dadas externamente ao homem, ou por opção própria; e as condições subjetivas são aquelas dependentes da opção humana (DEMO, 1995).

A lógica dialética volta-se para a estrutura de mudança. Assim, para captar estas regularidades do acontecer turístico permite transpor o objeto

percebido, que é aquele que se dá aos sentidos, sob formas de imagens, por esquemas assimiladores e acomodadores do espírito denunciado. Este objeto percebido aparece como real garantia de transparência das coisas para a linguagem (MOESCH, 2002).

Talvez uma das ideias mais originais seja a de haver ressaltado, na teoria do conhecimento, a importância da prática social como critério de verdade, e ao focar historicamente o conhecimento, em seu processo dialético, colocou em relevo a interconexão do relativo e do absoluto (TRIVIÑOS, 1987).

Desenhado alguns caminhos metodológicos coloca-se que a primeira etapa desta investigação consistiu na construção do referencial teórico sobre as teorias relacionadas à pesquisa: Turismo, desenvolvimento e cidadania. A discussão do conceito de Turismo a partir dos autores Beni e Moesch (2015), Moesch (2002), e Tomazin (2016). Em seguida sobre desenvolvimento a partir dos autores Sachs (2003), Coriolano (2003 e 2005), Oliveira (2008), Gastal & Moesch (2007), Krippendorf (2009), Beni (2006). Uma discussão sobre exclusão social e políticas sociais, a partir de Garibe (2006), Pochmann (2004), Faleiros (2006), Guerra; Pochmann e Silva (2014), Otero (2012), Coriolano (2005). Após uma discussão sobre cidadania, a partir de Faleiros (2006), Jacob (2003), Sadek (2009), Demo (2009), Pinsky (2003 e 2004). A discussão permeia-se sobre inclusão social a partir de Pochmann (2004), Coriolano (2005), Sasaki (1997), Moreira (2006); e por fim, constitui-se uma discussão sobre os impactos do Turismo a partir de Pires (2004), Beni (2002 e 2006), Lickorish e Jenkins (2000), Sachs (2003) e Haguette (1995).

Posteriormente as teorias apresentadas, realizou-se a caracterização da localidade em estudo – Alto Paraíso de Goiás. Para um melhor entendimento sobre o histórico deste recorte territorial contemplado nesta investigação realizou-se o levantamento documental e bibliográfico trabalhado pela técnica de análise de conteúdo. Para atender essa etapa selecionaram-se os seguintes documentos: Plano de Desenvolvimento Sustentável da Região da Reserva da Biosfera Goyaz; Plano de Manejo do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV); Plano Estadual do Turismo - Goiás no Caminho da Inclusão; Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável (PDITS) – Polo da Chapada dos Veadeiros; Plano de Desenvolvimento Turístico do Município de Alto Paraíso 2011-2014; e o Plano Diretor Urbano, Rural e

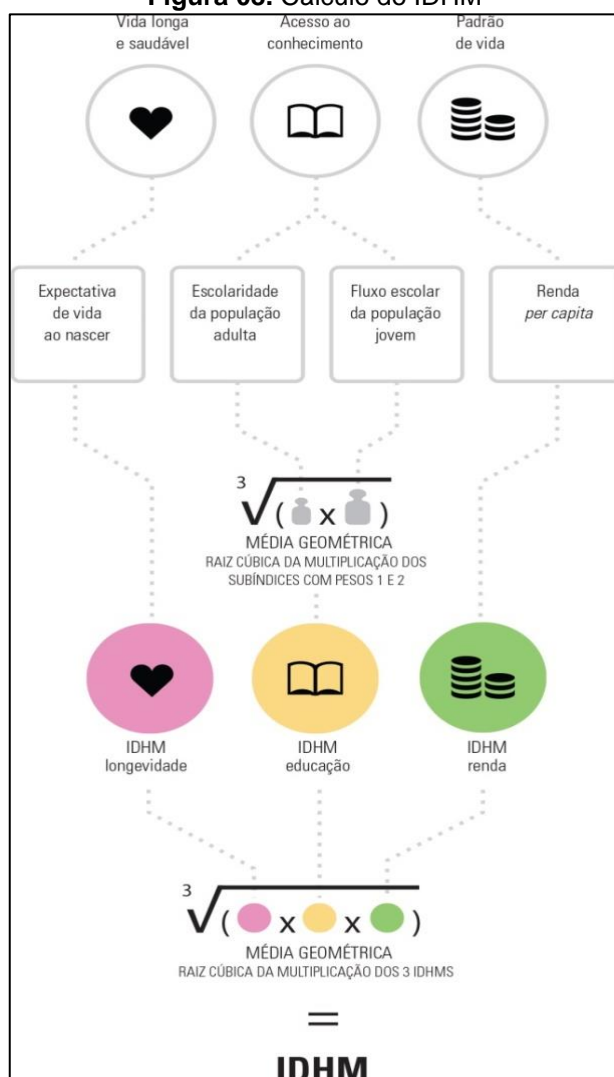
Ambiental do Município de Alto Paraíso. A análise de conteúdo se tornou um caminho importante percorrido, pois:

em alguns casos, pode servir de auxiliar para instrumento de pesquisa de maior profundidade e complexidade, como o é, por exemplo, o método dialético. Neste caso, a análise de conteúdo forma parte de uma visão mais ampla e funde-se nas características do enfoque dialético (TRIVIÑOS, 1987, p. 60).

Afim de objetivar os dados sobre a localidade optou-se pela utilização da técnica de coleta de dados de dois índices, que a saber são: Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) e o Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal (IFDM).

O IDHM brasileiro considera as mesmas três dimensões do IDH Global – longevidade, educação e renda. Os indicadores levados em conta são mais adequados para avaliar o desenvolvimento dos municípios e regiões metropolitanas brasileiras. Seus três componentes, IDHM Longevidade, IDHM Educação e IDHM Renda - conta um pouco da história dos municípios, estados e regiões metropolitanas em três importantes dimensões do desenvolvimento humano durante duas décadas da história brasileira. Sendo disponibilizado pelo site do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (PNUD/IPEA/FJP, 2013). Esse índice torna-se importante por trazer um conceito de desenvolvimento centrado nas pessoas; e por apresentar resultados de uma realidade complexa, e ainda viabilizar uma comparação entre os municípios brasileiros. Assim, mostra-se o cálculo do IDHM:

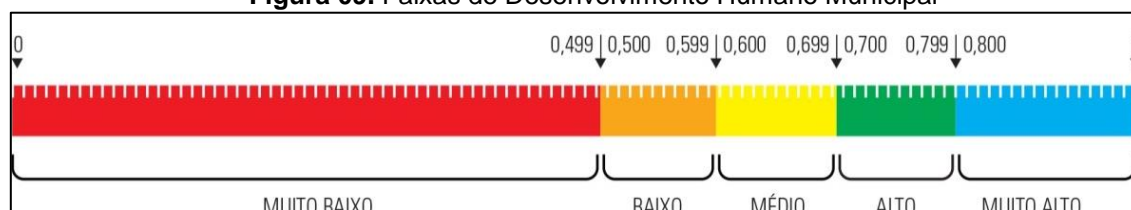
**Figura 08. Cálculo do IDHM**



Fonte: (PNUD/IPEA/FJP, 2013).

Para sua leitura utiliza-se a metodologia expressa na figura a seguir:

**Figura 09. Faixas de Desenvolvimento Humano Municipal**



Fonte: (PNUD/IPEA/FJP, 2013).

No IDHM, o componente Longevidade é medido pela expectativa de vida ao nascer, calculada por método indireto. O componente Educação é medido por meio de dois indicadores, a escolaridade da população adulta é medida pelo percentual de pessoas de 18 anos ou mais de idade com ensino fundamental completo - tem peso 01, o fluxo escolar da população jovem é

medido pela média aritmética do percentual de crianças de 05 a 06 anos frequentando a escola, do percentual de jovens de 11 a 13 anos frequentando os anos finais do ensino fundamental, do percentual de jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo e do percentual de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo - tem peso 02. O componente Renda é medido pela renda municipal per capita, ou seja, a renda média dos residentes do município, sendo a soma da renda de todos os residentes, dividida pelo número de pessoas que moram no município, inclusive crianças e pessoas sem registro de renda. Todos os resultados dos componentes do IDHM são realizados a partir dos dados dos Censos Demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (PNUD/IPEA/FJP, 2013).

Já o Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal (IFDM) acompanha anualmente o desenvolvimento socioeconômico de todos os municípios brasileiros em três áreas de atuação: Emprego & Renda, Educação e Saúde, baseado nas estatísticas públicas oficiais, disponibilizadas pelo Ministério do Trabalho, Ministério da Educação e Ministério da Saúde. A seguir, mostra-se como funciona sua simples leitura:

**Figura 10:** Leitura do IFDM



**Fonte:** (Sistema FIRJAN, 2017).

Para um melhor entendimento das dimensões avaliadas pelo IFDM, o quadro abaixo apresenta as variáveis que o compõem:

**Quadro 01.** Resumo dos Componentes do IFDM – por Área de Desenvolvimento

IFDM		
Emprego&Renda	Educação	Saúde
<ul style="list-style-type: none"><li>• Geração de emprego formal</li><li>• Absorção da mão de obra local</li><li>• Geração de Renda formal</li><li>• Salários médios do emprego formal</li><li>• Desigualdade</li></ul> <p><b>Fonte:</b> Ministério do Trabalho e Emprego</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Matrículas na educação infantil</li><li>• Abandono no ensino fundamental</li><li>• Distorção idade-série no ensino fundamental</li><li>• Docentes com ensino superior no ensino fundamental</li><li>• Média de horas aula diárias no ensino fundamental</li><li>• Resultado do IDEB no ensino fundamental</li></ul> <p><b>Fonte:</b> Ministério da Educação</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Número de consultas pré-natal</li><li>• Óbitos por causas mal definidas</li><li>• Óbitos infantis por causas evitáveis</li><li>• Internação sensível à atenção básica (ISAB)</li></ul> <p><b>Fonte:</b> Ministério da Saúde</p>

**Fonte:** (Sistema FIRJAN, 2017).

Para atender a complexidade apresentada na construção desta pesquisa, além dos caminhos metodológicos já apresentados, realizaram-se no período de 18/10/17 a 20/10/17 pesquisas de campo na localidade, parte essa constituída de entrevistas e observação in loco da pesquisadora, sendo obtidas catorze entrevistas com moradores locais. As entrevistas foram direcionadas aos moradores locais, a fim de analisar suas percepções acerca do processo de desenvolvimento turístico da localidade de modo a compreender apontamentos sobre os impactos sentidos pelo Turismo no município.

Contudo, devido ao Programa de Iniciação Científica da Universidade de Brasília (ProIC/UnB), também foi realizado uma pesquisa na presente localidade, com intuito de compreender o desenvolvimento do Programa de Regionalização do Turismo. Destaca-se que a pesquisa de campo no recorte territorial ocorreu no período de 05/07/17 a 06/07/17, sendo obtidas quatro entrevistas, sendo os atores sociais envolvidos: uma atendente do Centro de Atendimento ao Turista (CAT); um educador/pesquisador da UnB Cerrado; uma representante da Secretaria Municipal de Turismo e Desenvolvimento Econômico; e com um empresário e representante do Conselho Municipal de Turismo (COMTUR). Para um melhor entendimento a respeito dos

entrevistados no período de 18/10/17 a 20/10/17, segue abaixo uma tabela em relação aos moradores.

**Tabela 01:** Relação de Entrevistados

<b>RELAÇÃO DE ENTREVISTADOS</b>				
<b>Entrevistado</b>	<b>Bairro</b>	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Trabalho</b>
1°	Paraisinho	23 anos	Feminino	Estudante
2°	Paraisinho	-	Masculino	Conserto de bicicleta
3°	Novo Horizonte	49 anos	Masculino	Guia de Turismo e Marceneiro de móveis ecológicos de buriti
4°	Paraisinho	63 anos	Masculino	-
5°	Cidade Alta	42 anos	Feminino	Serviços Gerais em Escola
6°	Paraíso	-	Feminino	Serviços Gerais em Pousada
7°	Moinho	40 anos	Masculino	Serviços Gerais em Pousada
8°	Novo Horizonte	45 anos	Masculino	Pedreiro
9°	Avenida Ary Valadão	32 anos	Feminino	Monitora - Centro de Convivência da criança e do adolescente
10°	Novo Horizonte	26 anos	Feminino	Monitora - Centro de Convivência da criança e do adolescente
11°	Paraisinho	79 anos	Feminino	Aposentada
12°	Avenida Central	-	Masculino	Aposentado
13°	Rua Coletor Paulino	68 anos	Feminino	Benzedeira
14°	Rua Joaquim Almeida	55 anos	Masculino	-

**Fonte:** (LIRA, 2017).

As entrevistas caracterizam-se por ser semiestruturadas, construída a partir dos questionamentos da pesquisa à luz das teorias discutidas na parte teórica (Apêndice 01). Poupart (2008, p. 217) considera a entrevista:

Indispensável, não somente como método para apreender a experiência dos outros, mas, igualmente, como instrumento que permite elucidar suas condutas, na medida em que estas só podem ser interpretadas, considerando-se a própria perspectiva dos atores, ou seja, o sentido que eles mesmos conferem às suas ações (POUPART, 2008, p. 217).

Assim, o uso dos métodos qualitativos e da entrevista, são até hoje tido como um meio de expor o ponto de vista dos atores sociais e de considerá-lo para compreender e interpretar suas realidades. As condutas sociais não poderiam ser compreendidas e explicadas, fora da perspectiva dos atores sociais. Na maioria das tradições sociológicas, a entrevista continua sendo um dos melhores meios para apreender o sentido em que os atores dão às suas condutas, a maneira como eles se representam no mundo e como eles vivem sua situação, são aqueles em melhor posição para falar da sua própria realidade (POUPART, 2008).

Sendo assim, não devesse tratar as pessoas entrevistadas apenas como sujeitos capazes de analisar sua própria situação, mas produzir análises de “múltiplas vozes”, onde o ponto de vista dos diferentes atores que participam da pesquisa se encontra expresso na análise. Transformando-se em um resultado de construção mútua. É preciso visar à produção de um saber que harmoniza as interpretações dos atores com as dos pesquisadores (POUPART, 2008).

Por fim, a terceira e última etapa desta investigação consistiu na triangulação dos dados, onde foi realizado a organização e sistematização dos dados coletados, por meio de uma análise e reflexão crítica a respeito de toda construção percorrida nesta investigação.

Entretanto, a presente pesquisa é uma apreensão da realidade a partir do olhar desta pesquisadora, no qual tem-se um esforço para apresentar um pouco do viés social no território decorrente do desenvolvimento turístico, mas que não contempla a totalidade desta realidade social, pois demonstra-se limitada frente à complexidade do universo real do município de Alto Paraíso de Goiás.



### CAPÍTULO 03: ANÁLISE DAS EVIDÊNCIAS

O destino analisado na presente pesquisa foi Alto Paraíso de Goiás, localizado a 230 km da capital nacional, Brasília-DF, e a 420 km da capital do estado de Goiás, Goiânia-GO. É reconhecido por seu valioso santuário ecológico, fauna e flora típicas do Cerrado. Considerado um patrimônio natural mundial, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), atraindo turistas do mundo inteiro, desde aqueles que buscam descanso em meio às belezas naturais e tranquilidade junto ao astral místico que envolve a cidade, até os que estão atrás de aventuras radicais e interação com a natureza (PREFEITURA MUNICIPAL DE ALTO PARAÍSO DE GOIÁS, 2017).

Para pesquisa de campo, buscaram-se moradores alto-paraisense para compreender o desenvolvimento do Turismo no município, analisando o processo histórico do Turismo, a percepção dos moradores nativos<sup>5</sup> sobre os impactos sociais do Turismo na localidade e verificando se há práticas incluídas em relação do desenvolvimento do Turismo.

A pesquisa de campo no recorte temporal ocorreu no período de 18/10/2017 a 20/10/2017, sendo obtidas catorze entrevistas com moradores locais. Também, como mencionado no capítulo anterior, realizou-se outra pesquisa de campo, no qual buscou atores sociais do poder público e outros representantes importantes na comunidade, no período de 05/07/17 a 06/07/17, sendo obtidas quatro entrevistas. Ademais, avaliaram-se indicadores sociais, como o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) e o Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal (IFDM), para um melhor entendimento sobre o desenvolvimento local.

Para apreender o histórico do município **antes e depois do desenvolvimento do Turismo**, torna-se essencial a visão do próprio morador local, no qual, participou de todo esse processo. Assim, conforme apontam os relatos abaixo, alguns entrevistados descrevem como era antigamente Alto Paraíso de Goiás:

---

<sup>5</sup> Próprio do lugar onde nasce; oriundo de determinado local.

*“- Então eu me lembro bem, era um lugar completamente deserto, aqui neste lugar que estamos conversando, era Cerrado, só tinha casa ali da prefeitura para baixo e aqui tinha umas casinhas. As quatro coisas importantes que tinha aqui, era uma farmácia do Seu Luiz, o hotel do Saviano, a lojinha do Bier e o posto de gasolina do Juca. Mas você não encontrava uma lanchonete, para você comprar um pão, para matar a fome. Era um lugar, eu vi várias crianças morrer com sarampo aí no sertão, morrer à míngua, eu vi gente com uma leita morrer à míngua, eu vi gente baleado morrer à míngua aí nesse sertão. Então eu conheço isso aqui, não é de hoje, era deserto, era difícil de viver” (Entrevistado 11).*

*“- Tem 68 anos que moro aqui, aqui tudo era mato, era mato mesmo, tinha um morador aqui, outro lá, sabe, aqui era assim” (Entrevistado 13).*

*“- Bom, tinha umas partes boas e outras ruins, porque aqui tinha muita dificuldade com as coisas, aqui nem mercado existia, eu mesmo já passei fome aqui com dinheiro no bolso, não tinha onde comprar nada. Aqui não tinha nada para você construir, não tinha cimento, não tinha tijolo, não tinha telha, a primeira casa que eu construí aqui as telhas vieram lá de Planaltina de Goiás, uma dificuldade doida né, não tinha asfalto até a rodovia, só tinha aquela casa antiga, aqui não tinha casa não. Essa praça aqui era uma chácara, nos tirava cacho de banana aí, aqui tinha um vale que corria uma enxurrada aqui para baixo e o vale foi secando e acabou com o vale né. Aqui de primeiro só tinha duas vendas, que vendia pinga, fumo, carne seca, uns trens, mais não tinha pão, não tinha essas coisas que tem em mercado” (Entrevistado 14).*

Todos os residentes que moravam por mais de décadas na localidade, abordaram que lá não possuía nada, todos mencionaram bastante que era apenas um Cerrado, com poucas casas e sem nenhuma infraestrutura, apenas os pouquíssimos comércios, que eram limitados nas vendas. Ao questionar sobre suas **lembranças na cidade** antes do desenvolvimento do Turismo, eis que:

*“- Ah mais aqui era muito bom, a gente farreava muito. A única coisa que eu gosto, é dançar, eu adoro dançar, mas a gente tem também o lugarzinho que a gente dança, só que não tá dançando agora tão cedo, demora um pouco e depois a gente vai. O pessoal acha que os velhos já morreram, já acabou, não, eles são velhos mais tá positivo aí, tá tininho. Eu moro aqui há muitos anos e gosto muito daqui, não aceito ninguém falar da cidade” (Entrevistado 13).*

*“- Os moradores se conheciam mais, sentava a tarde na porta do outro para bater um papo, hoje em dia não tem mais isso, antes tinha mais um contato entre os moradores” (Entrevistado 05).*

*“- A lembrança que a gente guarda é que a gente dormia com as portas abertas, ninguém roubava nada, agora você passa para dentro e tranca o portão, torna a sair, torna a trancar. Agora o povo de fora tá chegando, chegando, chegando, de primeiro você conhecia todo mundo, o endereço era assim, onde mora fulano, é lá, onde mora ciclano, é lá, todo mundo sabia o nome, não procurava nem endereço, nem nada” (Entrevistado 14).*

*“- Sem movimento, sem recurso, não tinha medicina, não tinha uma alimentação, não tinha emprego, não tinha dinheiro, não tinha uma mínima importância do que tem hoje. A água tinha bastante, passava um rego d’água dentro do cemitério, passava um regão d’água que só você vendo a quantidade de água que era” (Entrevistado 11).*

*“- Então, de sentar na porta da rua e conversar, não tem mais isso, aquela coisa de interior, aqui perdeu aquela essência, aqui perdeu a essência de interior, perdeu aquela leveza. Aqui é uma cidade pequena, mas que parece uma cidade grande, nesse sentido de infraestrutura mesmo. A gente não tem tempo mais de se dedicar para conversar com seu vizinho ou a gente nem conhece nosso vizinho, porque seu vizinho não suportou ficar aqui e foi embora e já tem outro de fora e aí a pessoa de fora já tem todo um contexto de cidade grande e não dar muita moral para o vizinho. Essa parte de sociedade mesmo, de interior, já não tem tão forte. Não eram tantas coisas positivas antigamente, o sossego era bom, mas as privações eram muitas, pelo menos no meu ponto de vista” (Entrevistado 09).*

**O desenvolvimento do Turismo na localidade** foi extremamente importante para os moradores, principalmente, devido ao surgimento de emprego e renda para a população local, além de outros aspectos relevantes mencionados possíveis de serem observados nas respectivas falas:

*“- Olha, foi chegando às famílias, as pessoas de fora, construindo terrenos, construindo, feliz o filho da terra aqui se não é o pessoal de fora, porque o povo de fora que evoluiu muito, dando serviço, pro braçal e emprego para o profissional. É 50% dos nativos tem que bater o joelho no chão e agradecer à Deus, pelo chegante<sup>6</sup>, que deram empregos, muitos estão sobrevivendo aí assalariado por causa do chegante, por que se fosse depender do nativo a cidade não dava emprego, nada, morria de fome. Às vezes não morria, mas estava passando muita fome” (Entrevistado 04).*

*“- A cidade era bem pequena, o povoado era bem pequeno, tinha quase ninguém, era uma cidade pacata, não tinha emprego, não tinha nada. E muitas pessoas daqui mesmo tinha que ir embora para trabalhar, porque aqui não tinha emprego, não tinha recurso, não tinha nada. Com o Turismo isso melhorou bastante, foi bom” (Entrevistado 07).*

*“- Trouxe muito serviço, hoje tem mais gente empregada do que antes, antes era mais só para as fazendas e roça. E hoje não né, o Turismo foi bom para a cidade” (Entrevistado 12).*

*“- O negócio é o seguinte, o Turismo veio e trouxe dinheiro, trouxe trabalho, surgiram várias pousadas e empregam pessoas, trouxe para a construção civil também, vários colegas meus trabalham como pedreiro, através do Turismo. Porque sem o Turismo aqui, os nativos não iam construir. E fora outras pessoas que vieram como turista e agora já estão morando, já comprou terreno e está dando emprego. Surgiu um loteamento aqui por causa do Turismo, nenhum nativo aqui tem lote lá. Alto Paraíso só se evoluiu, só cresceu, por causa do*

---

<sup>6</sup> Pessoas que vem de fora da localidade, chegante de outro lugar, chegante de fora (LIRA, 2017). Esse termo é utilizado pelas pessoas que nasceram no município para referenciar aquelas que vieram de outros lugares.

*Turismo. Em 1992, tinham dois mercados aqui, hoje tem dez, tinha uma pizzaria, hoje tem cinco. Então, o Turismo trouxe muito benefício para Alto Paraíso, muito dinheiro. Alto Paraíso você pode contar as estradas de terra, o resto é tudo asfaltado. Eu sou daqui e mexo com Turismo desde 1993, então eu te falo, tudo que eu tenho foi do Turismo. Antes eu não tinha um carrinho de sanduíche, hoje eu tenho um camping, minha casa própria, tenho meu carro, minha moto, sou guia de Turismo e faço móveis ecologicamente corretos”*

*“- Alto Paraíso foi a renda per capita, muitas pessoas aqui ficaram bem através do Turismo, pode comprar um carro porque estava empregado numa pousada e teve garantias, várias pessoas aqui subiram de vida, através do Turismo, conheci aqui muita gente pobre, pobre mesmo, que agora tem sua casa própria, seu carro, seu trabalho e sabe que todo dia ele pode ir lá trabalhar” (Entrevistado 03).*

*“- Geração de emprego e renda, porque antes era difícil né, porque a maioria dos nativos aqui foram embora, para buscar outros meios de trabalho, estudar e trabalhar, mais agora tem pessoas retornando” (Entrevistado 06).*

*“- Hoje com o Turismo em Alto Paraíso não é só o empresário que está tendo lucro, o próprio baixa renda também está tendo lucro, todo mundo está incluso com o desenvolvimento, não é só empresário que está tendo sucesso não, a cidade toda está tendo proveito, está tendo retorno” (Entrevistado 02).*

Percebe-se na última edição do IDHM (2010), que Alto Paraíso se encontra na faixa de Desenvolvimento Humano Alto, com o índice totalizando em 0,713. Nas duas últimas edições, passou de uma faixa de Desenvolvimento Humano Muito Baixo - IDHM (1991), índice totalizando em 0,428; para uma faixa de Desenvolvimento Humano Baixo - IDHM (2000), índice totalizando em 0,572. Devido ao município obter um aumento significativo nos componentes avaliados na última edição, sua ocupação no ranking atualmente se encontra em 73<sup>a</sup>, em relação aos 5.565 municípios brasileiros (PNUD/IPEA/FJP, 2017). Abaixo segue o quadro evolutivo do IDHM do município:

**Quadro 02. IDHM e seus componentes – Alto Paraíso/GO**

<b>IDHM (Componentes)</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>	<b>2010</b>
<b>IDHM Educação</b>	<b>0,206</b>	<b>0,371</b>	<b>0,611</b>
% de 5 a 6 anos na escola	20,82	72,20	91,23
% de 11 a 13 anos nos anos finais do ensino fundamental ou com fundamental completo	26,88	49,98	78,66
% de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo	11,18	18,52	55,77
% de 18 a 20 anos com ensino médio completo	15,78	8,91	35,97
% de 18 anos ou mais com ensino fundamental completo	24,91	36,61	53,3
<b>IDHM Longevidade</b>	<b>0,687</b>	<b>0,787</b>	<b>0,819</b>
Esperança de vida ao nascer (em anos)	66,2	72,20	74,16
<b>IDHM Renda</b>	<b>0,555</b>	<b>0,640</b>	<b>0,723</b>
Renda per capita (em R\$)	253,57	428,31	719,11

**Fonte:** (PNUD/IPEA/FJP, 2017).

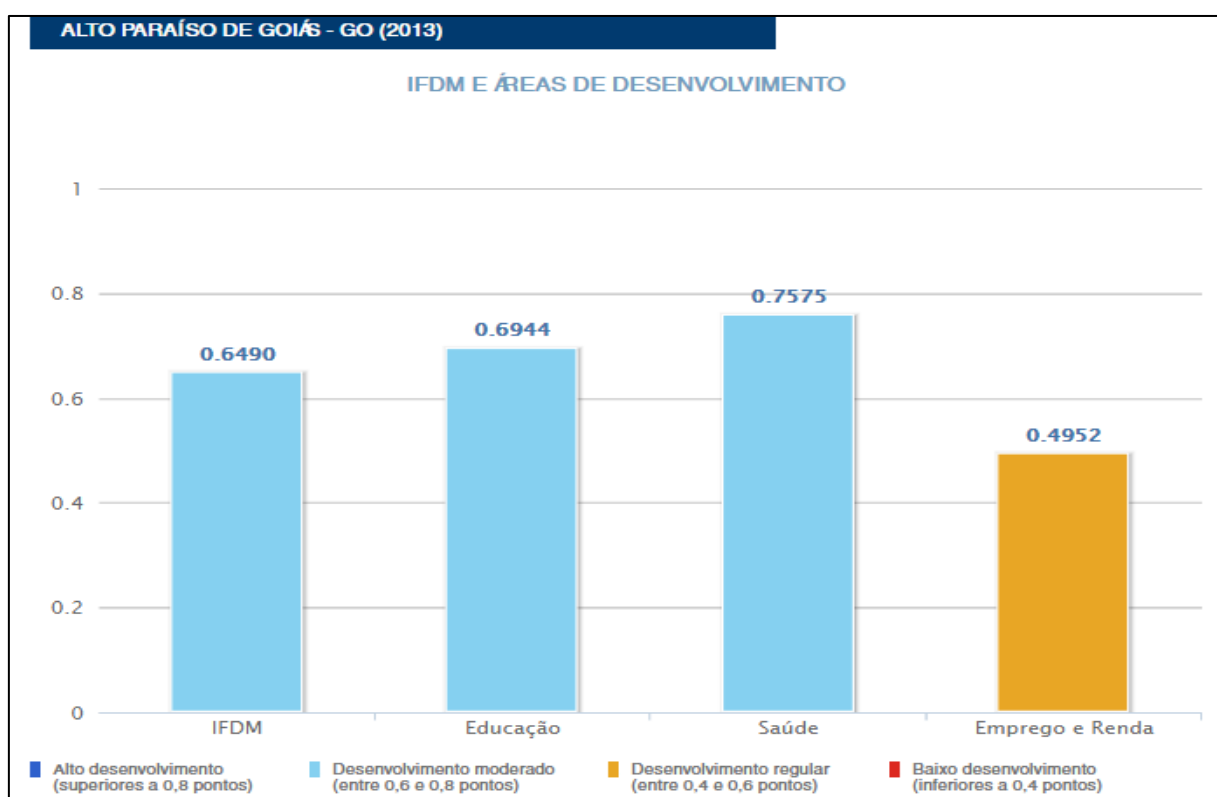
O IDHM é um número que varia entre 0 e 1. Quanto mais próximo de 01, maior o desenvolvimento humano de uma localidade. No período de 2000-2010, todos os componentes tiveram um crescimento relevante. O índice que mais cresceu em dimensão foi Educação, no qual, em 2000 apresentava 0,371, e passou para 0,611, em 2010; em seguida por Renda, que apresentava 0,640, em 2000, e passou para 0,723, em 2010; e por Longevidade, que apresentava 0,787, em 2000, e passou para 0,819, em 2010. Em todas as edições o desenvolvimento humano no município só aumentou, consecutivamente melhorando a vida longa e saudável, o acesso ao conhecimento, e o padrão de vida.

Apresenta uma variação no componente educação, nos primeiros anos de ensino observa-se que o fluxo escolar da população jovem está em constante crescimento, tendo um maior destaque o percentual de crianças de 05 a 06 anos de idade na escola, com 91,23%, em 2010, bem como o percentual de crianças de 11 a 13 anos nos anos finais do fundamental ou com fundamental completo, com 78,66%, em 2010. Mas verifica-se que o percentual de 18 a 20 anos com ensino médio completo é o que apresenta um progresso baixo em relação aos outros subitens, com 35,97%, em 2010, apesar do seu crescimento significativo de 2000 a 2010, no qual apresentava 8,91%, em 2000. Tal como o

percentual de 18 anos ou mais com ensino fundamental completo, com 53,3%, em 2010. Percebe-se que o nível da educação é mais relevante nos primeiros anos de vida e ocorre uma diminuição com a maioridade, mostrando esse grande contraste da escolaridade entre o ensino fundamental e médio no município. Isso aponta para o fato de que, a situação educacional merece destaque, pois apresenta uma disparidade na interrupção dos estudos pelos moradores adultos.

Analisando o Índice FIRJAN – IFDM (2015), ano base de 2013, o município apresentou, na dimensão educação e saúde um desenvolvimento moderado, entre 0,6 a 0,8 pontos; na dimensão emprego & renda, apresentou um desenvolvimento regular, entre 0,4 a 0,6 pontos. O IFDM varia de 0 (mínimo) a 01 ponto (máximo) para classificar o nível de cada localidade em quatro categorias: baixo (de 0 a 0,4), regular (0,4 a 0,6), moderado (de 0,6 a 0,8) e alto (0,8 a 1) desenvolvimento. Observa-se o índice de Alto Paraíso de Goiás na figura abaixo:

**Figura 11:** IFDM 2015 – Alto Paraíso (GO). Ano Base: 2013

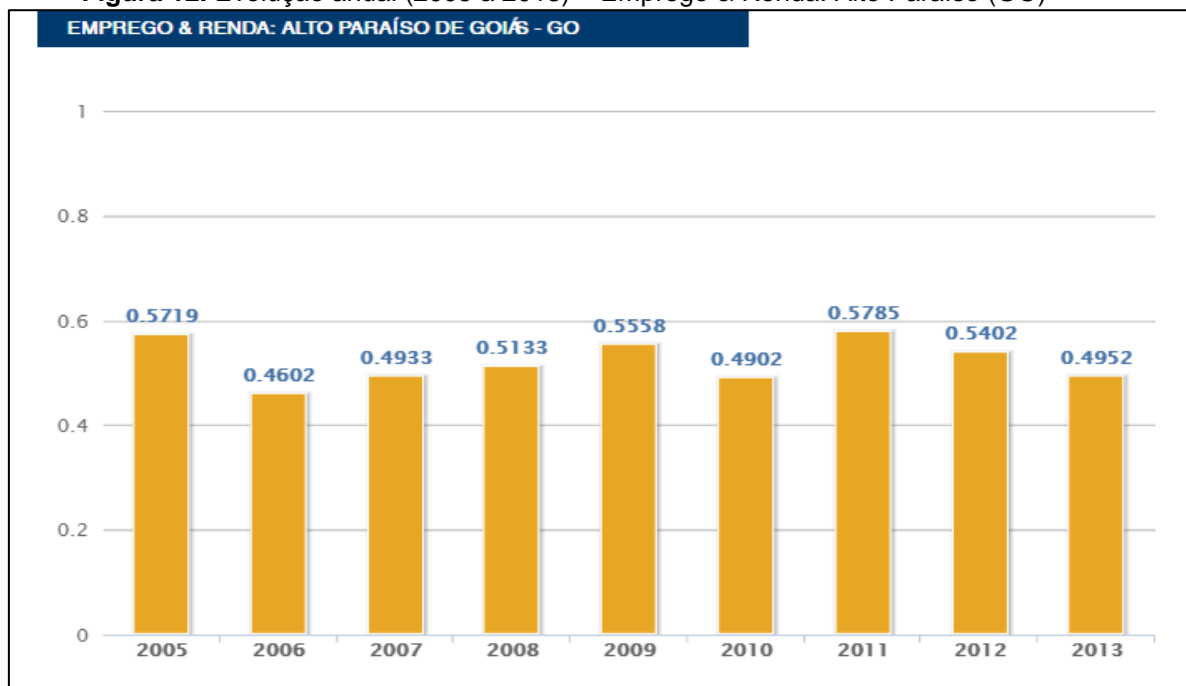


**Fonte:** (Sistema FIRJAN, 2015).

Percebe-se a vulnerabilidade na dimensão Emprego e Renda no município, o que ocorre desde as primeiras avaliações do IFDM, de 2005 a

2013. Isso reflete no acompanhamento do mercado formal de trabalho, analisando dois subgrupos: emprego formal (postos de trabalho gerados) e renda (remuneração média mensal do trabalhador formal). Apresenta-se abaixo a evolução anual:

**Figura 12.** Evolução anual (2005 a 2013) – Emprego & Renda. Alto Paraíso (GO)



**Fonte:** (Sistema FIRJAN, 2015).

Em questão desta dimensão, percebe-se que com o desenvolvimento do Turismo foi surgindo os postos de trabalhos, visto que antes o município não tinha oferta de empregos. Nos depoimentos coletados na pesquisa de campo, nota-se que praticamente a maioria das oportunidades de emprego na localidade estão ligadas à área do Turismo, direta ou indiretamente e tem-se o entendimento da falta de oportunidade em cargos profissionais elevados para os moradores nativos.

Contudo, observa-se como aponta no índice que a elevação do item Emprego & Renda não foi tão expressivo assim, conforme apontado no impacto das falas dos entrevistados e também observando o aumento da estrutura na localidade. Essa análise compactua para um problema intrínseco na área de Turismo – a formalização dos empregos – sendo grande o cenário de informalidade, também ainda ocorrem problemas referentes aos direitos trabalhistas, o que permite questionar sobre a qualidade desse emprego na área. Este parece se destacar em nível de quantidade, porém como é sua

efetiva qualidade? Os empregos na área de Turismo proporcionam uma cidadania plena ou dão continuidade à situação de insegurança nos locais turísticos determinado sempre pelo fluxo em alta temporada?

Abaixo seguem alguns relatos sobre essas questões: vemos assim, as condições e a qualidade do **Emprego & Renda**, conforme o relato de alguns moradores:

*“- Tem os direitos trabalhistas são formalizados. Que eu saiba, todo mundo paga os direitos dos trabalhadores. Mudou bastante, alguns anos atrás era difícil, mas agora com essas novas leis né, tá bem mais tranquilo. São empregos na área de pousadas, mercados, restaurantes, pizzaria né. Os postos de trabalho não oferecem nenhum curso de qualificação para se desenvolver e crescer profissionalmente. O SEBRAE sempre vem né, antigamente eu fazia cursos, agora não tá vindo muito não. Eram bons, eram mais de atendimento, informática, como captar o turista. Não tinham cursos de idioma, seria interessante né, porque assim, na área da recepção é interessante falar inglês né, tem que falar outras línguas né, porque vem muita gente de fora” (Entrevistado 06).*

*“- Acho que não tem essa valorização dos chegantes com os nativos daqui. Acho que é por causa da ganância também né, antigamente era pior, há 10, 15 anos atrás, as pessoas vinham e colocavam as pessoas daqui como escravo, não pagavam seus direitos trabalhistas, pagavam muito pouco, vinham com um poder muito em cima das pessoas, mas agora melhorou. Aqui tinha muita causa trabalhista também, aqui tinha um absurdo de causas trabalhistas, trabalhavam e não recebiam e entravam na justiça, aí melhorou bastante. É assim, isso não é para todos, tem lugar que eu acho que deve não ter ainda os direitos, mas tem muitos lugares que já tem. Eu conheço muito lugar ainda que não respeita os direitos trabalhistas, não paga certo” (Entrevistado 07).*

*“- Os trabalhos que mais têm aqui são pousadas, porque tem várias, algumas pessoas são até escravizadas nessas pousadas, porque socorro né, tem horário de sair, tem horário de chegar direito, porque se você não quer, tem quem queira né, porque é onde que gira o capital. São pousadas, prefeitura, que também dar muito emprego para cidade, que é onde que o pessoal vai no prefeito e: Prefeito pelo amor de Deus eu to morrendo de fome e aí ele dar um jeitinho, enquanto ele vai dando um jeitinho, vai colocando o povo. E a parte de educação mesmo, a parte estadual, então gira em torno disso, Turismo e prefeitura, é o que mais dar suporte aqui em Alto Paraíso e esse suporte acaba que faz o que, eu trabalho na prefeitura e ganho um salário mínimo, “qual é minha esperança de mudar de vida”? E além do fato da concorrência, se você estudou em um colégio que não te deu um estabelecimento, não te deu uma base, uma estrutura, você vai concorrer com várias pessoas daqui e de fora, eu sei que isso não é local, que é geral, mas que não deixe de pensar nos daqui, porque como que a gente vai ficar qualificado para assumir por exemplo os cargos que a prefeitura dispõe, como é que a gente vai trabalhar em um CRAS<sup>7</sup> da vida, como é que a gente vai lutar pelos*

---

<sup>7</sup>Centro de Referência de Assistência Social – CRAS é uma unidade pública de assistência social, do Sistema Único de Assistência Social, que se destina ao atendimento de famílias e indivíduos em situação de vulnerabilidade e risco social (Disponível em: <sedest.df.gov.br>).



*nossos direitos, porque é nosso direito, cuidar das crianças igual aqui, a gente precisa de assistente social, mas não é preconceito com o de fora, mas a assistente social de preferência alguém que foi formado aqui, que cresceu aqui, que passou pelas dificuldades aqui e quer fazer a diferença lá no CRAS da vida. Ai vem pessoas de fora, que tem uma bagagem boa ou não, porque a gente não sabe, e ai ela disputa realmente com as pessoas daqui, e quando tem alguém para disputar e elas entram, porque geralmente elas fizeram mais cursos, e o que acontece, Alto Paraíso continua na mão de outras pessoas, que culturalmente, a maioria das pessoas que vieram de fora aqui, contribui sim, mas veta muitas coisas em Alto Paraíso.*

*“- Tem empregos formalizados e tem informal, tem de tudo um pouquinho, porque a pessoa hoje que é consciente ela vai, querendo uma empresa formalizada, porque aqui o pessoal também não são todos leigos, por exemplo, ele pode até aceitar trabalhar informalmente, mas na hora que ele sair de lá, ele vai colocar o chefe dele lá no fórum, as pessoas sabem que tem direito. Então as pessoas estão tentando se formalizar, mas enquanto isso não chega em todos, tem muitos realmente que aproveita disso e acaba escravizando o pessoal. Mas o pessoal agora já tá mais atento a isso. Antigamente isso era maior, com certeza, a parte de escravização do profissional, a parte de leis, direitos trabalhistas, mais existe, hoje mesmo nós estávamos conversando sobre um conhecido nosso que está trabalhando em um ambiente aqui, que lá é tudo irregular, e aí ele acaba se submetendo a isso, para sustentar a família, se sair de lá ele não tem uma perspectiva, que é o material de construção, ele levanta peso, ele não estudou, ele não tem outra perspectiva e acaba se submetendo aquilo para continuar sustentando a família, para continuar pagando aluguel, existe com certeza e muito aqui ainda, mas as pessoas estão começando a si despertar”(Entrevistada 09).*

Esta dimensão é um ponto crítico para os moradores nativos, percebe-se que o município ainda carece de uma educação de base com qualidade, onde a população tenha oportunidade de crescimento e qualificação profissional. Esta situação acarreta a própria desvalorização dos nativos no mercado de trabalho local e o aumento da contratação de profissionais qualificados de fora da cidade, principalmente, para ocuparem os “melhores” cargos.

A educação é um direito social básico para a população, sendo fundamental na formação do cidadão. Essa busca por uma educação de qualidade, é a busca por um desenvolvimento social e pessoal. Percebe-se que cada vez mais na atualidade vem se perdendo a relevância do desenvolvimento intelectual, pois sem o poder do conhecimento, o sujeito não possui uma formação da consciência crítica e, com isso, o ensino continua a maquiagem o saber dos sujeitos do território para contribuir com quem detém o poder, aquela típica manipulação das massas, deste real jogo de interesses.

Um problema bastante visível e citado por todos os entrevistados é em relação ao **aumento do custo de vida**. Devido à inserção da atividade turística

na localidade, ocorre à elevação dos preços nos produtos ofertados aos turistas, bem como, imóveis, atrativos, alimentação, etc. Com isso, fica nítido a ausência de benefícios para o morador nativo, que tem de submeter a uma condição de vida mais elevada, devido ao fluxo turístico intenso na região. Contudo ao que parece embora estes tenham acesso ao emprego, este não condiz para atender ao acesso das demais necessidades impactadas pelo fluxo turístico, com o valor exacerbado dos preços na localidade, no qual, tem provocado a perda do poder de compra pelos próprios moradores. Em contrapartida, as intervenções e o acesso do capital têm gerado um território segregado, pois se detém principalmente nas mãos de quem têm o poder. A renda do turista é diferente da renda do morador local, nem todos possuem um poder aquisitivo elevado para se beneficiar com o desenvolvimento do Turismo. Assim, percebe-se nas suas falas o impacto do aumento do custo de vida:

*“- Aumentou muito o custo de vida, e muito” (Entrevistado 01).*

*“- Interferiu muito no custo de vida, muito, muito, muito. Porque o turista ele vai com aquela boa intenção de achar as coisas boas de melhores qualidades e melhores de preço. Aqui é o cúmulo do absurdo, o olho da cara, tudo aqui é o olho da cara. Nossa senhora, eu falo porque eu sou nativo, eu conheço todos os comércios, tanto em Alto Paraíso como em outros municípios” (Entrevistado 04).*

*“- O custo de vida, por ser uma cidade turística, é bastante alto né, as coisas aqui são bem caras, isso é um lado ruim para quem mora aqui. Tudo ficou mais caro, lotes, os lotes aqui são mais caros, para as pessoas de fora é tranquilo, porque elas têm condições financeiras, mas já para o pessoal daqui que tem menos condições, é uma questão ruim, porque ficou difícil” (Entrevistado 06).*

*“- Os nativos também, o que eles faziam, eles não tinham muito costume com dinheiro, aí pegavam e vendiam as coisas muito barato sabe, tem muitos nativos aqui que perdeu tudo. Vendeu barato e agora não tem condições de comprar de novo, porque ficou muito caro. E aluguel é muito caro aqui, custa de R\$ 500,00 reais para cima, um cômodo com banheiro, uma casa grande é R\$ 1.000 e pouco. Isso é muito ruim né, até porque o salário de Alto Paraíso não é muito ruim, tem muito emprego, só que como as coisas são caras né, tipo assim, o salário não se torna tão bom né, porque as coisas são caras” (Entrevistado 07).*

*“- Aumentou o custo de vida, até que assim né, hoje você não pode ficar com fome, tem que comprar né. O preço tem que pagar, não pode fazer nada” (Entrevistado 08).*

*“- Teve um aumento de 80% dos preços dos imóveis, no decorrer de cinco anos atrás” (Entrevistado 02).*

*“- Um pouco né, mas eu acho que nem só o Turismo, eu acho que geralmente o mundo inteiro teve aumento no custo de vida e foi para*

*todos, não foi só aqui, aqui foi mais um pouco, porque é claro que um lugar turístico, ele tem um aumento” (Entrevistado 11).*

*“- Bom, Alto Paraíso cresceu consideravelmente, assim, visualmente, tem uns cinco anos, que realmente começou a ser explorada mesmo, deu aquele “boom” onde tudo subiu, o custo de vida aqui está muito caro. Os nativos que permanecem aqui mesmo são aqueles que já tem casa ou aqueles que têm algum familiar que apoia, tipo eu moro com a minha tia, então eu não pago aluguel, porque para quem paga aluguel tá vivendo, alguns passam até necessidade, pelo alto custo de vida aqui” (Entrevistado 09).*

*“- Aqui é muito caro as coisas, muito caro. Mas aqui quase não produzia nada também, aqui é caro, mais têm onde você comprar né, o que você quiser comprar agora, você acha, de primeiro você não achava, nem caro e nem barato né. Não tinha para comprar. Esse negócio de pão, bolo, que faz nas padarias, nesses mercados, que vendem tudo, as vendas não tinham, era mais pinga, fumo, essas besteiras, tinha quase nada não. Aqui tinha uma pessoa que fazia umas farinhas de milho e vendia, que aqui também nunca foi de produzir muita coisa, Era pobreza desgramada e eles não gostavam de plantar não, as terras eram boas sabe, aí o povo foi chegando, plantando, produzindo, foi alertando né” (Entrevistado 14).*

*“- Mas o lado negativo, infelizmente, hoje que muitos repensam em morar aqui ou não, é o aluguel que está o preço de Brasília, muito caro; o preço da alimentação também está super caro, porque o mercado ele não pensa nos nativos, eles pensam nos turistas, então a gente paga um preço de fora, um preço alto” (Entrevistado 10).*

*“- A gente precisa de muita melhoria em vários aspectos, mas pelo menos alguns já tá conseguindo sobreviver, mas na parte de infraestrutura maior é a parte mesmo de moradia, foi entregue agora noventa casa popular, e a gente precisa mesmo que continue tendo esses amparos, porque, por exemplo, eu ganho um salário mínimo, aí quando eu falo o povo acha que sou dramática, não, eu ganho um salário mínimo trabalhando o dia inteiro e agora comecei a fazer uma faculdade, como que eu vou comprar uma casa aqui em Alto Paraíso, que antigamente um lote era 15.000,00 no máximo 30.000,00, agora o lote está 60.000,00 pra cima, mais barato e lá onde judas perdeu as botas, lá longe. Uma das coisas também que eu fico preocupada, é se você consegue uma casa, consegue, mais se você tem uma família ou, principalmente se a família for desfalcada, essas famílias que você tem um filho, dois, três ... Porque eles dizem que estão amparando, realmente está, porque uma mulher que está com uma penca de filho e não tem onde morar, se não tiver um governo da vida, mas e as pessoas como eu, que trabalha o dia inteiro e que não tem condições de comprar, ah então vai ganhar uma casinha quando tiver uma penca de filho, ou vai embora e sofre do mesmo jeito, porque o custo de vida de Brasília também não é diferente, muito alto, você vai para trabalhar dia e noite e para sobreviver mal. Então assim, analisando nossa sociedade capitalista, porque a gente vive por um capital, e a gente não pode pensar em mudança porque você está dentro de um sistema, e esse sistema te prende lá dentro, se quer ter as mesmas coisas que as outras pessoas têm, você quer ter um carro, quer ter isso, quer ter aquilo, então você vive por aquilo, lutando por aquilo, e quando você perceber você está velho e morto” (Entrevistado 09).*

O único benefício visto para os nativos no município é em relação ao pagamento para entrada dos atrativos naturais, basicamente, apenas algumas cachoeiras permitem o morador pagar metade do valor. Assim, notou-se que a maioria dos nativos não frequenta muito os atrativos da cidade, devido ao custo financeiro, a distância dos atrativos ou alguns por apenas não gostarem. A respeito da **frequência de uso dos atrativos na localidade**, eles relatam que:

*“- Eu vou pouco, não muito, mas de vez em quando. Hoje quem aproveita mais os atrativos são os turistas mesmo, os nativos sempre estão aí para recepcionar né, para receber, então sempre está focado no trabalho, então vai numa folga de vez em quando, quando sobra um tempo. Mas é o turista que desfruta” (Entrevistado 02).*

*“- Não, tem muitos atrativos que eu nem conheço, para te falar a verdade. Já fui uma, no máximo duas vezes nesses atrativos mais longes, o que eu mais vou, que é aqui perto, que são 7km daqui, que é a cachoeira Cristal. E os atrativos turísticos também, a cachoeira mais barata aqui e que ainda faz um preço mais acessível para os nativos, é a cachoeira Cristal, que cobra 5,00 reais, a entrada das cachoeiras aqui são 30,00 reais para todo mundo, igual eu que ganho um salário mínimo, trabalho o dia inteiro, de 07h da manhã às 11h e das 13h às 17h, ganhando um salário mínimo, qual é a condição, sem ter carro, sem ter meio de locomoção, de ir para uma cachoeira pagando 30,00 reais por pessoa, isso é se você for sozinha, imagina se eu tenho uma família, como eu vou num ambiente desse?” (Entrevistado 09).*

*“- Eu vou muito nós atrativos, vou porque sou guia de Turismo, e quando eu não estou guiando, eu vou também, porque é um lazer. Muitas pessoas nativas não vão, porque eles preferem ficar no boteco, em frente à televisão, se matando né. O cara acorda 09hrs da manhã e já começa a beber, curar a ressaca do dia anterior, em vez dele ir para uma cachoeira, ter um lazer, relaxar, fazer uma caminhada, um exercício físico. Eu falei para eles, que vocês têm que entenderem, que tem gente que vem de 5.000km só para vim aqui, e você está aqui, tem o privilégio, são privilegiados, valoriza, não dar valor, é o que acontece” (Entrevistado 03).*

*“- Aí eu não tenho muita vontade, levando a vida social, a vida social com amizade, bato papo com um ou com outro. A gente vai nas cachoeiras, a gente ver muitas coisas que a gente fica muito abismado né, é ruim para mim ficar falando isso para você, porque você é uma menina nova, e a gente falar umas coisas dessa para mim faz mal. Vamos deixar isso quieto” (Entrevistado 04).*

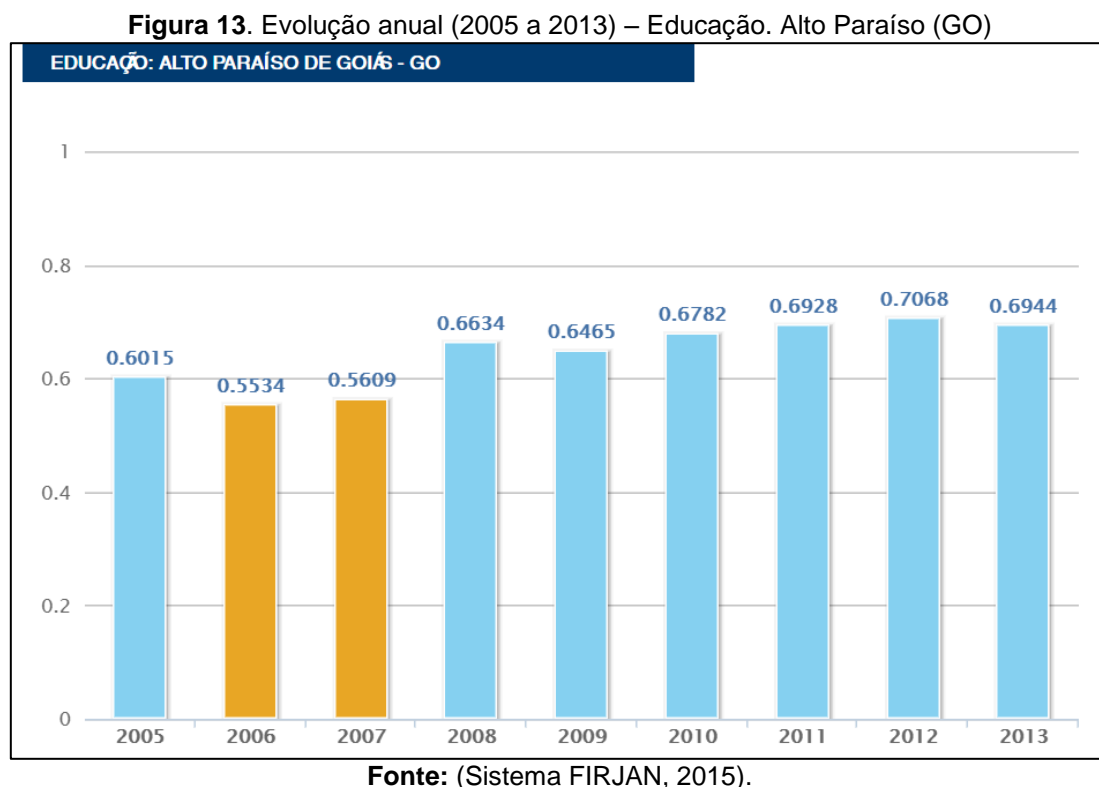
*“- Às vezes tem cachoeira aqui que cobra 30,00, a gente paga 20,00, tem isso aqui, mas não são em todos os atrativos. Não tenho costume de ir, já fui umas três vezes nos atrativos aqui. Porque não tenho vontade mesmo. Nasci em uma fazenda em Alto Paraíso mesmo, eu fui conhecer cachoeira aqui em Alto Paraíso, em 2002, não conhecia nenhuma cachoeira aqui, fui levar minha filha para conhecer” (Entrevistado 05).*

*“- Não, não vou não. Só fui algumas vezes” (Entrevistado 11).*

*“- Eu não gosto, eu sou caseira. Quase eu não vou, só vou quando vai fazer um passeinho, tem que ir para distrair um pouquinho, a cabeça muito cheia minha filha” (Entrevistado 13).*

A gestão municipal do Turismo deveria vislumbrar possibilidades de garantia de acessos para estes sujeitos do território. Basicamente, no destino turístico, os moradores locais são quem trabalham para receber o turista, são quem trabalham muito e por uma remuneração baixa, no qual, apenas observam as transformações acarretadas por este fluxo turístico na sua localidade. Entretanto, Alto Paraíso de Goiás recebe turistas do mundo inteiro, pois é um destino conhecido internacionalmente devido aos seus atrativos naturais e ao seu astral místico e holístico. Mas afinal, do que adianta o destino ser conhecido internacionalmente se seus próprios moradores não o conhecem? Percebemos que é o capital que realmente determina o acesso do sujeito, onde, pode contribuir para o surgimento do sentimento de inferioridade dos nativos em relação aos turistas.

Dando continuidade e entendendo que um dos pilares para o desenvolvimento humano está intrinsecamente relacionado à **educação**, apresenta-se abaixo a evolução anual referente as avaliações do IFDM, para um entendimento desta área na localidade de 2005 a 2013.



Nota-se a elevação desta dimensão ao longo dos anos a partir do índice, sua avaliação mais recente, ano base 2013, apresenta-se um desenvolvimento moderado, com 0,6944. Assim, vemos a seguir a avaliação pelos próprios moradores desta dimensão Educação no município:

*“- A educação aqui é estável, aqui são quatro escolas, do estado tem Gerson de Faria e Moisés Nunes Bandeira; e municipal Casa da Vovó e Zeca de Faria. E também tem particulares. Tem professores e a qualidade do ensino é bom. Tem uma faculdade também à distância. Agora os jovens não precisam sair muito daqui, antes saíam muito, para estudar fora e trabalhar fora, agora tem mais assistência na cidade” (Entrevistado 05).*

*“- Escola tem várias, têm municipal e estadual. Acho que tem professor, o acesso à educação é tranquilo, mas se o ensino é de qualidade, eu já não sei né” (Entrevistado 07).*

*“- Oh minha filha, todos os sistemas aqui são fracos, melhorou muito, mais são fracos. Mas se você vai ver não está mais ruim que os outros lugares, está igual né, porque nos outros lugares também você só ver o clamor, é da saúde, é da educação, de tudo você ver, não é só aqui” (Entrevistado 11).*

*“- Olha está indo bem, a gente não pode reclamar não. Os prédios tão um pouco meio acabado, tem professor, tem merendeira, tem guarda que vai o dia que quer. Tem escola municipal, estadual e tem particular” (Entrevistado 04).*

*“- Agora tem essa faculdade a distância, tem o colégio convencional, só. Não é sendo dramática, eu não acho uma educação de qualidade, pelas dificuldades que eu estou sofrendo na faculdade, entendeu. Para mim a educação só é de base se o professor tem formação contínua, não faz uma faculdade da vida, as coxas, igual eu estou fazendo e depois se estagnar e passa um livro para o aluno ler e se virá e sentar todo dia e to dando aula, não. Tem que criar criança diferente, criança que pensa, criança que sabe fazer um projeto, criança que sabe quando sair do colégio convencional e for para outro sabe pelo menos fazer uma redação, sabe redigir certo, sabe ler; se você for pegar essas crianças aqui a maioria não sabe ler, a maioria não sabe escrever, escreve tudo errado, isso é uma escola que dá base?! Dá base para ninguém, como é que eu vou fazer uma faculdade. Vocês acreditam que um dos momentos mais feliz da minha vida, porque é uma das coisas que eu tenho muito grande, é poder escrever certo. Porque o que desenvolve a criança, não é professor não, o professor dá a base para ele, de fazer ele ler o livro, de fazer ele pensar. Porque a mídia faz com que a gente queira seguir uma moda, queira viver presa nesse sistema”*

*“- Em questão do jovem, não tem lazer para os jovens daqui, não se pensa, por enquanto, pelo menos que eu consigo visualizar, o crescimento para as pessoas daqui né, para os moradores nativos, é mais pensando no pessoal de fora. Mas de certa forma a educação evoluiu, porque assim imagina, se Alto Paraíso, querendo ou não, o turista ele quer melhoria para si, então ele acaba trazendo melhoria para a gente, porque se não Alto Paraíso iria continuar estagnada, aquele lugarzinho pequenininho, onde a escola não iria evoluir, que o turista ele quer que o filho estuda aqui, então ele vai exigir mais do lugar onde ele coloca o filho, nem que seja uma escola particular, ele vai exigir e isso acaba se espalhando para Alto Paraíso inteiro. Eu*

*acredito que a gente só tem que aprender a lidar com a mudança, porque a mudança ela tem isso, traz o positivo, mas a gente tem que aprender a lidar com o que não é tão positivo, e se qualificar, porque o turista só é incômodo quando a gente não tem qualificação, porque quando se tem qualificação, você sabe se impor, se sabe até mesmo futuramente abrir seu próprio mercado e mostrar que pode ser diferente” (Entrevistado 09).*

*“- Só que os jovens hoje estão tão desinteressados, as nossas crianças daqui não quer nada com nada, não querem aprender nada, não querem ser críticas, não querem pensar, não querem nada, eu bato muito na tecla aqui, que desde a escola do básico, fundamental, tem que trabalhar com as crianças onde elas pensam, porque elas estão assistindo um filme, elas querem assistir aquele filme, se elas não querem, justifique porque vocês não querem, me fala um melhor e que trabalha o mesmo tema, as crianças não pensam mais, elas preferem se jogar numa cadeira e aceitar. E aí os professores atuais, são pessoas que foram massacradas pela nossa sociedade, que fizeram uma faculdade igual eu estou fazendo, aí chega no fim ela está com paciência de escutar um adolescente, que sempre tem um que é crítico, não, aí colocam eles para escanteio ou se puder até expulsa da escola, e é aquele lá que vai fazer a diferença no nosso mundo, entendeu. Então é um sistema tão bem formado, de pessoas tão corruptas e pessoas que não quer nada com nada” (Entrevistado 09).*

Pela fala dos próprios nativos, pode-se ver que há uma carência educacional ainda muito forte no município e a falta de uma educação de base qualificada torna-se um problema sério, pois alguns ainda não sabem ler ou escrever direito. Também a ausência de estímulo para a qualificação profissional; e a baixa oferta de cursos técnicos e de cursos de graduação, evidencia-se um dos motivos pela grande disparidade na interrupção dos estudos pelos moradores adultos.

Em relação à **participação da comunidade local na gestão municipal do Turismo**, nota-se que ocorrem reuniões e tem grupos a respeito de vários assuntos referentes e emergentes do Turismo, havendo um grau de cooperação em relação à participação do morador local. Mas percebe-se que há uma grande ausência dos mesmos nas reuniões, devido à falta de sensibilização e entendimento sobre o Turismo, nesse sentido, observa-se nos comentários de uma moradora nativa:

*“- Ocorre reuniões, só que assim nativos são poucos que está lá, pouquíssimo, mais são o pessoal de fora, que vai e acaba colaborando, eu participo de alguns grupos, tem Fórum Cidadão, Colaboradores Plano Alto, Paraísos do Sonho, tem um monte, tem muitos grupos. É mais o pessoal de fora que estão participando desses grupos, para discutir a parte ambiental, por exemplo a falta de água, a infraestrutura que está crescendo muito, até que ponto até que lugar pode ir essas construções, até que ponto vai atingir, fala*

*sobre vários assuntos, fala sobre esses roubos que está acontecendo, que aumentou muito. Então, são discussões nesse intuito de ver o que pode ser feito em Alto Paraíso, tem muitos grupos nesses sentidos aqui. Tem um grau de cooperação entre os gestores, mais assim, eu falo porque eu vejo que é um dom que eu tenho, se a pessoa for mais tímida, se a pessoa ela tem medo, ou se ela fala de uma forma, se ela vai numa reunião o pessoal começa a falar corretamente, tem hora que a pessoa que não tem uma instrução, não vai nem entender o que está falando, aquele monte de gente sentado em círculo, cada um quando começa a reunião já começa falando eu sou formado nisso e nisso, todo mundo se apresenta, aí fala embasado na lei de tal e tal, aí o que é nativo o máximo que ele vai dizer é: uhum, sim senhor, entendeu?! Então se ele não tiver um posicionamento, ele não vai nem querer ir naquele ambiente, porque aquele ambiente para ele vai ser sufocante, porque isso não faz parte do contexto dele, então tem tudo isso” (Entrevistado 09).*

Assim, observa-se de que forma estes sujeitos estão incluídos nos processos turísticos, é nítido a necessidade de se pensar em formas de sensibilizar os moradores e tornar mais acessível estes espaços de discussões, para ocorrer uma maior representatividade dos nativos. A inclusão destes é fundamental para estimular o seu envolvimento e fomentar sua atuação de forma íntegra e conjunta nas ações do desenvolvimento turístico, para que todos possam contribuir nas tomadas de decisões e que tenham a plena consciência de como ocorre o processo turístico e seus devidos impactos no seu território.

Um dos problemas citados em todas as entrevistas realizadas com os moradores nativos é a proliferação do consumo e venda de drogas. Isto é um assunto realmente sério para todos, para se ter uma ideia, a maioria deles mencionaram que o município já é conhecido como a **“Cidade da Droga”**. Contudo, é importante enfatizar que não é necessariamente o turismo o grande propulsor para a ocorrência dessa elevação de consumo/venda, discutir sobre isso é entender que a esfera sócio-histórica é muito complexa e são muitos fatores emaranhados nesse imbróglio, inclusive, esse ponto em especial demanda futuras pesquisas direcionadas sobre o tema. Porém, a fala partiu dos moradores por relacionarem com o impacto do fluxo de pessoas na localidade, conforme constam nos depoimentos abaixo:

*“- Isso aumenta conforme a cidade vai aumentando e vai tendo dinheiro, isso com certeza aumenta, em questão da violência, de roubo, de drogas, isso acompanha o tamanho da cidade, o desenvolvimento da cidade, se a cidade desenvolveu, acompanha junto, isso é normal, vai acontecer, não tem jeito” (Entrevistado 02).*



*“- O Turismo alavancou a cidade. Onde tem dinheiro, tem coisa negativa, vem ladrão, vem droga, se entendeu, aí tem muitas crianças que não sabem mexer e vai se perdendo, mas isso é consequência da evolução. Então tem todo um preço, se tem um preço que melhorou de vida, mas se tem o preço de ver o ladrão, é o preço do seu filho está mais propício de ter contato com drogas” (Entrevistado 03).*

*“- Ai os filhos foram praticando aquelas coisas, que eu não sei se é certo ou se é errado, usar droga né Eu não sei se você tá sabendo, mas com relação à esse assunto, tá geral, mas em Alto Paraíso, eu não tenho vergonha de dizer, Alto Paraíso é o rei da droga, aqui em Alto Paraíso, é o crack, eu falo para você porque aqui teve um prefeito que foi preso por isto, ele foi notificado pelo comandante da polícia lá de São Jorge, não levou ele algemado, mas levou ele para Formosa, ele foi se defender lá. Então o que rola mais aqui é isso, muitos vêm e é só para droga, só droga, droga, droga, aí os filhos da terra também empanou aí e está tudo perdido, filhos das drogas, os filhos da terra com os chegantes, aí junta os dois e forma tudo uma panela só né. Aqui tem fazendeiro que ficou rico de tanto vender crack, filho da terra aqui” (Entrevistado 04).*

*“- Aumentou um pouco, aumentou, não só daqui, mas pessoal que mora em Brasilinha, em Brasília, tudo fica aqui, então tem uma influência muito grande de fora. Com esse desenvolvimento, teve um aumento no consumo de drogas e álcool” (Entrevistado 05).*

*“- Teve um pouco, a maioria das pessoas de fora trouxeram também né, as pessoas trouxeram para cá né. E às vezes as pessoas de fora tem uma visão, aí que Alto Paraíso tem muita droga, o povo gosta muito de fumar um, assim, generalizando, mas não é todo mundo que fuma né, não pode generalizar. Mas eu acho que é normal, toda cidade tem seu lado ruim e bom né. Aumentou um pouco, mas não é tão assim né, antes a população era menos né, aí quando aumenta o número de pessoas, aumenta o consumo” (Entrevistado 07)*

*“- Isso aí aumentou. Aumenta, aumenta tudo né. Antes até tinha, mas ninguém ouviu falar né, hoje não, hoje todo mundo sabe” (Entrevistado 08).*

*“- A partir de quando aumenta o nível de pessoas, aumenta tudo, aumentou também a questão de roubo em Alto Paraíso, por causa das drogas que realmente influenciou, vêm muitas pessoas de fora morar aqui, por causa disso, e aí os nativos começa a trabalhar para essa pessoa e ver que a pessoa têm condições financeiras e ver que a pessoa é super na vibe, aí pensa ah não também quero ser igual, aí a pessoa não entende que ela não tem condições de ser igual, porque não têm financeiro e começa a entrar na mesma vibe das drogas, de tudo e aí vai, é como se fosse um ciclo vicioso né, se começa aqui, aí porque meu patrão, meu amigo, o filho do pobre que estuda junto com o outro que ver, e você quer ir na mesma e quando você percebe se está usando droga também ou está no mesmo ritmo que a outra pessoa, sem ter condições de tá naquele ciclo, e esse vício envolve desde a parte estrutural de Alto Paraíso à tudo, até escola, porque se você vai numa escola fazer uma avaliação, porque como Alto Paraíso é uma cidade mística, uma cidade diferenciada, muita gente vem morar aqui por causa disso; aí eu vou porque meus problemas vai ser resolvido lá, aí tenho problema de saúde e a cidade tem isso e aquilo; vem com essa ilusão e quando chega aqui a realidade é outra”*

*“- Um dos problemas muito grande aqui de Alto Paraíso, não só daqui, mas como eu sei de vários lugares, tanto as pessoas que mais vêm aqui usar drogas são de Brasília, não ofendendo vocês, mas assim é, o número de usuários de drogas aqui é grande, porque não é só os daqui, é os daqui com os outros que vêm para cá, porque acha que Alto Paraíso é um lugar liberal, é não é um lugar liberal, também têm normativas, só que infelizmente não são respeitadas. Infelizmente ficou conhecido como cidade da droga, isso tem seu ponto negativo, porque as crianças por exemplo né. Quando eu vou viajar para Brasília, já aconteceu que quando, tipo eu fui consultar com um dentista lá e ele perguntou você é de onde, e eu respondi Alto Paraíso, e ele ah Alto Paraíso, a cidade que o pessoal fuma um né, e aí eu com esse cabelo black e esse jeitão aqui né, aí olha como se fosse maconheira também. Eu não uso nenhum tipo de droga, entendeu, então você sofre preconceito nesse sentido também” (Entrevistado 09).*

*“- Porque é conhecido como cidade da droga né, Alto Paraíso é conhecido assim”*

*“- A gente fica meio chateado, é a parte dos roubos que estão acontecendo, tipo a gente não tem mais a liberdade de andar à vontade, você tem que ficar pensando, você tem que sair receoso de ser assaltado” (Entrevistado 10).*

*“- Aumentou e muito, como aumentou, aumentou os furtos, as drogas, a violência, aumentou bastante. Mas você vai em cima e vai embaixo, as coisas piores que acontece é de pessoas mesmo do lugar, as vezes acontece alguma consequência com esses moleques de fora né, mas as piores coisas que tem acontecido se vai ver, por esse tempo mesmo o cara foi lá no Parque para roubar carro lá e foram presos né, dizem que queria matar uma jovem, um dos caras ainda está preso em Goiânia” (Entrevistado 11).*

*“- Agora, em uns pontos melhora muito né, mais assim, aí começa a aparecer droga demais, começa a aparecer ladrão, o Banco do Brasil aqui arrebentaram ele todo, carregou o dinheiro e acabou com o banco, então tem umas vantagens e umas desvantagens. Tem droga, muito, aqui têm muita droga, assaltante, violência. Mais eu acho que as vantagens é mais né” (Entrevistado 14).*

O tema **exploração sexual de crianças e adolescentes** é ainda um tabu no âmbito da sociedade, percebe-se a timidez no qual o assunto é tratado por várias pessoas, mas também se nota o crescimento de ações e debates sobre este tema na atualidade. É indispensável a conscientização das crianças e adolescentes a respeito disto, pois são sujeitos em condições de desenvolvimento e necessidades específicas de proteção. Sendo um assunto delicado para discussão, mesmo assim, um dos moradores nativos expressou-se livremente sobre estes casos, conforme se pode observar na sua fala:

*“- Alto Paraíso tem muitos casos, que não são falados, na verdade as pessoas não estão abertas para falar sobre isso, caso de pedofilia. Existem muitos casos de pedofilia, não só no caso de sentido turístico, mas no sentido familiar mesmo. Porque infelizmente, se você for analisar, eu conversando com amigos mesmo, com pessoas*

*mais idosas, a pedofilia sempre existiu, sempre existiu muito forte, só que as pessoas nem sabiam que aquilo era pedofilia de certa forma, achava que era normal, o pai de fulano fez com ciclano, o primin, o irmão. Agora que está sendo falado mais sobre o assunto, mas ainda é uma coisa muito vedada, muito camuflada, essa é a palavra. Exploração de crianças e adolescentes acontece aqui muitos casos, eu não sei te falar sobre a quantidade de casos, porque é mais na área da saúde, aí é um caso que as pessoas nem queiram muito falar, porque é uma coisa muito séria, tem que se provar, então, já mexe com muita das vezes com pessoas que têm uma aquisição financeira boa, que explora as meninas né, então, é uma coisa bem além. A gente tenta trabalhar no centro de convivência essa parte de conscientização mesmo, do corpo, de se cuidar, de saber até que ponto a pessoa pode falar ou fazer com ela, porque as crianças por causa da mídia, da música, por causa de tudo que está acontecendo, influencia as crianças muito, desde a vestimenta, ao que é normal ou não é, o homossexualismo, tudo, fez uma bagunça na cabeça das crianças. Então elas precisam saber interagir com o meio, saber respeitar as pessoas que são assim, mais saber também que elas não precisam seguir essa moda, porque se tornou moda, aí minha amiga é lésbica, aí isso e isso, aí ficou tipo moda, é normal, então precisa muito de conscientização” (Entrevistado 09).*

Em relação ao sistema de **transporte**, o município ainda não possui. Os moradores dizem que devido à cidade ser pequena, isso não é tão questionado, pois a grande maioria possui um meio de locomoção, seja um carro, uma moto, uma bicicleta ou até mesmo pegar um táxi, moto ou automóvel, sendo mais comum a circulação de moto-táxi na localidade. De acordo com eles, tem apenas o ônibus da zona rural que leva às crianças para as escolas na cidade e os ônibus interestaduais da Rodoviária de Alto Paraíso, que atendem às cidades dos estados de Goiás, Distrito Federal e Tocantins.

Durante a pesquisa de campo, quando questionado sobre o **saneamento básico** local, muitos não sabiam o significado do mesmo. Para ter uma noção sobre como ocorre a distribuição de água, rede de esgoto e coleta de lixo no município, observa-se as percepções dos próprios moradores:

*“- Aqui nós não temos saneamento básico, foi uma briga há seis anos, sete anos atrás, a administração queria fazer o saneamento básico, mas aí os falsos ambientalistas criaram uma guerra, dizendo que eles iriam poluir o rio. Como é que você mora em uma cidade que é modelo, e você não tem saneamento básico, está errado. Isso depende de ser profissional, de fazer o negócio correto, eles ficam alegando que a água não é tratada direito, aí assombrou, mas o que é isso, isso são os falsos ambientalistas que chegam aqui bancado pelo pai, não precisa de grana, aí fica dando um de ecologista, atrapalhando o desenvolvimento da cidade, porque se você não tem saneamento básico, você não tem educação. O lençol freático onde você mora, não existe, com fossa negra, 80% das fossas que tem aqui, são fossas negras, fossa negra é que você joga o dejetos direto no lençol freático e a fossa séptica você trata ela primeiro, tem mínimo um tratamento. E a negra não, do jeito que sai do vaso, já vai caindo lá dentro, isso contamina o lençol freático. Aí desistiram de*

fazer saneamento básico em Alto Paraíso, porque político não gosta muito de resistência, ele já não gosta de trabalhar, quando ele acha alguma resistência da parte da comunidade, eles já aproveitam o empurrão, aí eles não fazem, estamos sem saneamento básico. Uma pena, porque uma cidade que não tem uma estação de tratamento” (Entrevistado 03).

“- A coleta de lixo está funcionando. Está tendo bastante água, está tendo assistência. Agora esgoto ainda não têm, esgoto eles quiseram colocar, mas só que os moradores, os ambientalistas fizeram manifestações e não aceitaram, por motivo de eles falam que vão tratar da água, mas o pessoal não acredita né, não tão acreditando que eles vão cuidar realmente, então vai afetar o rio que dar, tem acesso ao Moinho e ao sertão, então eles usam essa água, deste rio, São Bartolomeu, então eles não aceitaram, até hoje ainda não colocaram esgoto” (Entrevistado 02).

“- A distribuição de água, não posso dizer, nem da rede de energia. Mas a coleta de lixo tá uma barbaridade, em casa você não pode fritar um bife, que a casa toma de moscas, o lixão é bem ali encostado. O problema mais sério aqui em Alto Paraíso é o lixão, mas o processo tá na justiça, tá em andamento. Fica pertinho, não dá nem 2 km daqui. Só é esse local que joga lixo aqui e lá é cabeceira do rio, do Rio Bartolomeu, todas as nascentes, a água enche e sai de lá os ossos do açougue, cachorro morto, gato morto, tudo quanto é porcariada jogada lá, quando chove a água vêm e desaba tudo para a cabeceira do Rio Bartolomeu. O ministério público sabe disso, mas não toma providência. Está na justiça, justiça é mais lento do que jegue andando. Rede de esgoto, aqui tem só o nome. Porque é o seguinte, o político, ele faz o projeto e metade vai para o bolso deles e metade vai para ali e não termina né. O processo tá na justiça, eu não to nem aí, to falando, mas ninguém vai atrás de mim mesmo né. Ihhh nossa senhora. Com relação à esgoto, não temos. Tem uns caminhões que vêm de outras cidades, esvaziar a fossa e descarrega lá no lixão” (Entrevistado 04).

“- A distribuição da água é boa. Tem coleta de lixo. Aqui não tem rede de esgoto” (Entrevistado 05).

“- Acho que é bom né. Esgoto nós não temos não, ainda não chegou a rede de esgoto. Tem o carro da coleta de lixo, passa todos os dias, menos sábado ou domingo. O lixão foi interditado, fiquei sabendo, acho que tá jogando na área lá em cima” (Entrevistado 07).

“- Rede de esgoto não têm não. Agora água e energia, desde quando eu voltei, foi só um dia que faltou água, mas era porque tava tendo muito vazamento sabe, aí a água não tá tendo força de subir em certos setores né. Mas sobre água e energia até onde eu sei até agora, tá bom” (Entrevistado 08).

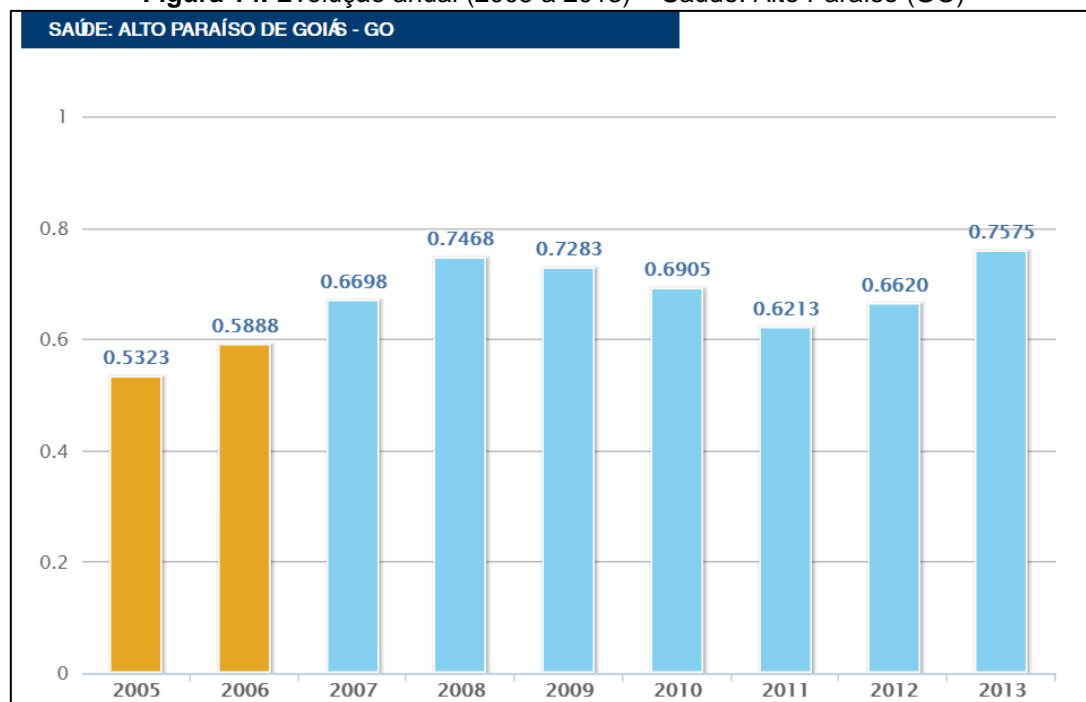
“- Distribuição de água a gente está com um problema agora, atual, decorrente da seca e de eles não ter pensado nisso antes, já está acontecendo a falta de água aqui, que eu saiba aconteceu em todos os setores. Energia é razoável, só nessa época da chuva que cai às vezes, mas no dia a dia está tranquilo, por enquanto está funcionando. A rede de esgoto, teve até uma polêmica de como que ia fazer com essa rede de esgoto, que ia jogar no rio São Bartolomeu, deu uma problemática que eu não sei te explicar como aconteceu e como finalizou. Aí foi onde foi muito positivo os alternativos daqui, que fizeram passeata para não acontecer isso. Então assim, essa parte ainda está sendo cuidada, não sei em que pé anda. A coleta de lixo

às vezes é bem falha, as vezes tem acúmulo de lixo, aí cachorro rasga e suja e bagunça, mas pelo menos passa, uma vez por dia passa, na minha rua né. O lixão aqui é exposto, está se vendo aí essa transformação, mas também não sei como está sendo isso, para te falar sobre isso” (Entrevistado 09).

“- A água já tá mais ou menos, agora a energia é ruim, de vez em quando acaba, quase direto ela desliga sozinha né, agora a barragem da serra da mesa também tá com uma mixaria de água. Mais agora tá aumentando muita casa lá pra cima, no Novo Horizonte, Cidade Alta, então já tem lugar que está faltando água. Esse ano foi muito ruim de chuva, dia 07 de setembro chovia e não choveu, Dia de Finado chovia e não choveu, a chuva das flores e das fruteiras toda vida teve e esse ano não teve, chuva da flor do caju, da manga, do abacate, não teve nada. Está seco mesmo. Aqui não tem rede de esgoto, é fossa. Começou aí, mais disse que ia jogar no rio, aí o povo lá de baixo não aceitou, tem um povo mais inteligente aí, esses naturalistas, vem para cá e comprou terra, então eles sabem o que é certo e errado né. Aí eles pediram lá porque iam jogar o esgoto dentro do rio, e a água lá do rio é limpinha e ia poluir. Porque o povo nativo daqui não sabia nem agir, mais tem um pessoal aí, inteligente, estudado, que aí sabe como ia fazer para impedir isso, tá parado, eu sei que a verba também, ninguém fala mais” (Entrevistado 14).

Por fim, analisando mais um dos pilares do desenvolvimento – **saúde** nota-se a oscilação dessa dimensão ao longo dos anos no município, a partir do IFDM, sua avaliação mais recente, no ano base 2013, apresenta-se um desenvolvimento moderado, com 0,7575. De acordo com esta dimensão, mostra-se abaixo a evolução anual referente às avaliações do IFDM, para um entendimento desta área na localidade de 2005 a 2013.

**Figura 14.** Evolução anual (2005 a 2013) – Saúde. Alto Paraíso (GO)



Fonte: (Sistema FIRJAN, 2015).

Apesar da sua avaliação apresentar um desenvolvimento moderado, não contradiz muito com a percepção dos próprios moradores locais. Entretanto, as variáveis analisadas pelo IFDM, na dimensão saúde, são: número de consultas pré-natal, óbitos por causas mal definidas, óbitos infantis por causas evitáveis, e internação sensível à atenção básica (ISAB). Assim, vemos a seguir nas avaliações e críticas apontadas pelos moradores, sobre esta área no município:

*“- Tem hospital e tem três postos de saúde, tudo funcionando. Aquele é o hospital modelo, ele quando foi feito, porque há 30 anos atrás, o filho do governador adotou Alto Paraíso como uma cidade modelo, turística, aí ele fez esse grande hospital, que seria um hospital regional, aí ele ganhou todos os equipamentos da Alemanha, coisa de primeiro mundo há trinta anos atrás, até ambulância veio da Alemanha, ele seria um hospital modelo, regional, mas aí você sabe né, a burocracia do Brasil não funciona, quando alguém quer fazer algo bom o outro quer puxar o tapete, mas temos” (Entrevistado 03).*

*“- Tem posto de saúde e hospital, funciona assim meio, à saúde aqui não é boa não. Toda vez que a gente precisa é só ir lá, mas não é assim tão bom sabe. Falta muita coisa, na saúde falta muita coisa” (Entrevistado 05).*

*“- Tem que melhorar né, tem que ter melhores médicos, hospital melhor. Tem postinhos, um no Novo Horizonte e o outro na Cidade Alta, embaixo também deve ter e tem um hospital. Tem atendimento médico, só que às vezes falta alguma coisa ou outra, precisa melhorar a saúde, o atendimento, colocar mais profissionais” (Entrevistado 06)*

*“- É meio fraco nesse lado. Às vezes quando você vai, que você precisa, não tem né. A saúde é o problema principal aqui. Está faltando eles desenvolverem né, ter médicos, ter remédios, às vezes você precisa tirar um raio X e a máquina não funciona direito sabe, você vai lá para tirar um gesso e lá não tem máquina para cortar, não tem médico. Não funciona direito né” (Entrevistado 08).*

*“- Uma das coisas que nós temos problemas aqui, não aqui, geral, é hospital, é questão de saúde. Bom, a saúde aqui funciona assim, têm os médicos do PSF<sup>8</sup> que dar a base para o caso não agravar, aí de segunda à sexta você vai no PSF, dependendo do que você têm, eles passam exames, se tiver condições você faz, se não você vai lá e se agenda e o tempo que der eles mandam para Goiânia para fazer, aí quando o caso é mais grave eles mandam para Brasília, aí eles ligam daqui para lá, para ver se algum lugar recebe, se não, dependendo do gravidade, se a pessoa quiser ir e ficar lá sofrendo, ou se não vai ter que esperar eles ligar, ligar, e eles liberarem um hospital de base, aquela emergência infernal lá ou qualquer outro que receber. Aqui não tem capacidade de atendimento médico no sentido de, esse hospital ele funciona já têm um bom tempo, só que a infraestrutura dele estava péssima, aí o ex-prefeito teve várias problemáticas, porque vem o pessoal de fora e analisa o prédio, falou que não tinha condições de continuar, aí passou o hospital para o postinho lá de cima, no Setor Planalto, ficou um rolo feio, foi para rádio, sei que*

---

<sup>8</sup>Programa de Saúde da Família – PSF (Disponível em: <<http://www.saude.df.gov.br/sobre-a-secretaria/subsecretarias/526-programa-saude-da-familia.html>>).

*atualmente voltou de novo, tem pouco tempo, não sei exatamente quantos dias que voltou para o hospital ali. Só que lá dar um suporte no sentido de ah tô passando mal, tô infartando, vai ter um médico lá que vai fazer os primeiros socorros, aí encaminha para Brasília, se for uma doença simples, por exemplo uma criança com disenteria, aí pode ficar internado lá, para observação, aí se eles vêm que é uma coisa simples, passa um sorinho e manda para casa, casos mais graves manda para Brasília. Tem médico sim, por exemplo, você vai lá e é um caso mais simples, mais um caso grave não. Ultimamente tem tido médicos, nos PSF. Sei que o hospital é questão de verba, tem a verba que vem, tem o espaço onde pode ocorrer, tem tudo, então não adianta você ter a parte material, nesse sentido cirúrgico por exemplo, mas o prédio não comporta, é um prédio antigo, e para passar das normativas lá precisa de um monte de coisa. Então, assim, pela quantidade de habitantes, tem uma somatória pela quantidade de habitantes para a quantidade de verbas que vêm, então tem todo um processo muito mais além, muito mais complexo, por isso deu esse problema todo de mandar lá para cima o hospital, eles tentando melhorar” (Entrevistado 09).*

*“- No hospital está tendo médico direto, agora que voltou para cá está tendo. Há dez anos atrás, cinco anos, a saúde era pior, era pior. Na verdade, têm estrutura, no hospital não tem profissionais né, tem uma sala de parto montada, lá dentro de muitas aparelhagens novas entendeu, só que não tem estrutura para montar e nem profissionais para ficar trabalhando. Tem estrutura de materiais, só falta máquinas né e os medicamentos não têm” (Entrevistado 10).*

*“- Olha aqui já foi muito bom, mais agora parece que no Brasil todo tá derrubado né, aqui no tempo que construiu aquele hospital, aqui tinha médico de fazer inveja, aqui tinha seis médicos, tinha ambulância, vinha gente de fora tratar aqui, isso deve ter uns doze anos, mais ou menos. Veio uma doação da Alemanha, uma ambulância diferente, veio muito aparelho para o hospital aí, eu mesmo ajudei a descarregar lá, foi num domingo, descarregou três caminhões de aparelhos. Aí foi acabando tudo, agora tudo está caído né, área de saúde. Tem uns médicos atendendo agora, mas não são muitos não” (Entrevistado 14).*

*“- Naturalmente o que falta por exemplo, falta um bom hospital para criança e idoso, que é uma coisa de muita necessidade e aqui é muito fraco, muito fraco mesmo, demais, tem que sair fora para a mulher dar à luz, tem que sair fora para cardiologia, para muitos problemas. Não tem um atendimento necessário” (Entrevistado 11)*

Após esta análise das práxis, questiona-se a qualidade do desenvolvimento social do Turismo no município de Alto Paraíso de Goiás, pois a transformação das estruturas econômicas pela industrialização tem resultado no aprofundamento das desigualdades entre regiões mais e menos desenvolvidas, tendo como resultado um processo de exclusão social (SACHS, 2003). Ressalta-se que esta investigação é um recorte a partir da fala de alguns moradores nativos, no qual, não abarca a totalidade do viés social, mas vislumbra pôr o holofote na questão da qualidade de vida dos sujeitos deste território.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a realização desta pesquisa um dos principais intuitos da pesquisadora foi de dar “voz” aos moradores nativos do município de Alto Paraíso de Goiás, pois ao buscar a compreensão de fatores sociais complexos e que envolvem uma total transformação da localidade, torna-se necessário a percepção do ponto de vista do próprio sujeito histórico do local.

Durante a pesquisa de campo, notou-se que alguns nativos são bem fechados e receosos em se abrir ou até mesmo falar sobre os problemas que ocorrem no município. Não questionam, não criticam, não se posicionam, visto que, um dos entrevistados posicionou-se em relação à alguns nativos serem mais tímidos, relatando que *“a maioria dos nativos eles têm problema de falar das dores e falar é como se eles fossem inferiores, porque assim, tocar na ferida não é para qualquer um. As pessoas não querem falar, porque eles sofrem um preconceito, o preconceito endureceu as pessoas...A gente vai conversando e vai lembrando da trajetória de vida, como foi que chegou aqui, quais foram as dificuldades que passou”*. Até mesmo um dos entrevistados disse *“Olha, não vou poder esclarecer tudo direitinho para você, porque o meu português não dá para falar as palavras certas, não tem como eu falar certo”*. Percebe-se que alguns não conseguiam se expressar devido à timidez, alguns por respeito a si mesmo e outros pelas dificuldades de construção da fala, contudo, isso corrobora em entender algumas peculiaridades desses sujeitos e o quanto é necessário desmistificar esses problemas, como sendo estruturantes, históricos e dialéticos e não relacionados aos sujeitos como efeito de causa.

O grande desafio desta pesquisa foi desvelar um pouco da realidade social do município de Alto Paraíso de Goiás, considerando é claro, que esse foi um recorte muito pequeno frente à complexidade inerente da realidade, porém, mesmo que ainda em uma escala reduzida, a dimensão da problemática a partir dos discursos permitiu perceber o quanto é urgente esse direcionamento do holofote, para estes, que são muitas vezes negados na trajetória em se consolidar esse Turismo, corroborando com a dialética do acesso ao paraíso limitado aos detentores do capital, sendo a população a



base para sustentar em grande parte os serviços de “linha de frente”, porém tão limitada em muitas possibilidades de melhorias.

No decorrer da pesquisa de campo, percebeu-se pelas vozes, pelas histórias, pelos choros e pelos sorrisos desses sujeitos, que lutaram com muita dificuldade na sua trajetória de vida, mas que apesar de todos os problemas e dificuldades mencionados pelos mesmos, são felizes e agradecidos por tudo que lhes foi concedido, prática contraditória do nosso viver. Ao decorrer de uma das conversas, mesmo sabendo que os resultados iriam ser tratados confidencialmente, um entrevistado pediu que fosse parada a gravação de áudio e que não fosse divulgado o que iria contar posteriormente, assim relatando “*Não posso falar isso de jeito nenhum, eu peço para vocês pelo amor de Deus não coloca isso no ar não, nem para vocês isso faz bem*”. Com respeito à devida confiança dos moradores, algumas falas e situações não foram mencionadas nesta pesquisa, pois para alguns nativos falar sobre os problemas é algo totalmente sério, é algo mais profundo e que mexe realmente com seus próprios sentimentos.

De modo geral, percebe-se que na leitura dos discursos o desenvolvimento do Turismo foi benéfico para os moradores, pois é a atividade turística que movimenta o município, a partir disso, que ocorreu o crescimento na localidade, principalmente, em relação à infraestrutura e geração de emprego e renda.

É neste contexto que surge a resposta do problema central desta investigação: o Turismo como uma possibilidade de desenvolvimento social conseguiu alcançar à transformação e melhoria na qualidade de vida da comunidade local? Ao longo desta pesquisa pode-se perceber que o Turismo conseguiu transformar totalmente o município de Alto Paraíso de Goiás, de forma direta e impactante. A partir das falas ouvidas foi possível perceber que houve uma melhora na qualidade de vida da comunidade, visto que ainda grande parte dos impactos negativos precisam ser superados e/ou minimizados.

O objetivo geral desta pesquisa evidenciou a necessidade em fortalecer o desenvolvimento social por meio do Turismo a partir da transversalidade das políticas públicas locais, a fim de minimizar os impactos sociais negativos acarretados pelo Turismo na cidade, além é claro, da necessidade de uma

série de ações de impacto acerca desse fenômeno. Com os objetivos específicos, foi possível observar como era o município antes e depois do desenvolvimento do Turismo e como ocorreu esse processo histórico na localidade; o crescimento das dimensões indicadas no IDHM e no IFDM, onde de acordo com o IDHM (2010), o município se encontra na faixa de Desenvolvimento Humano Alto, e de acordo com o Índice FIRJAN – IFDM (2015) apresenta na dimensão educação e saúde um desenvolvimento moderado, e na dimensão emprego & renda, um desenvolvimento regular; permitiu analisar as percepções dos impactos do Turismo a partir da “voz” do próprio sujeito do território, trazendo os relatos dos moradores nativos para contribuir nesta investigação; e por último constatou-se que no município ocorre práticas “includentes”, mesmo que limitadas, em relação ao desenvolvimento do Turismo, mas que, a maioria dos nativos não participa devido à falta de sensibilização e entendimento sobre o Turismo.

Ao longo de toda esta análise, podemos perceber que esse cenário social é caracterizado em Alto Paraíso de Goiás, por uma carência na área da educação e da saúde; por condições de empregos ainda decorrentes da ausência dos direitos trabalhistas; pela falta da sensibilização do que é o Turismo para os próprios moradores nativos; ausência da cooperação de grande parte da comunidade nativa em relação ao desenvolvimento e gestão do Turismo; proliferação do consumo e venda de drogas na localidade; aumento da violência e criminalidade; e a elevação do custo de vida dos moradores decorrente da atividade turística na localidade.

Ressalta-se que é necessária a inovação na forma das relações e interações de toda a gestão do Turismo pautada em uma visão sistêmica e cooperada entre os diversos atores interessados a fim de romper as inércias e os problemas que têm limitado o potencial de seu desenvolvimento. Entretanto, o desenvolvimento turístico consegue apreender a igualdade de oportunidades para à comunidade? Uma questão importante que poderia ter prevalência é o desenvolvimento local endógeno, que é um desenvolvimento do interior da localidade, de dentro para fora, onde são levadas em consideração interesses em comum da comunidade, onde a mesma participa das tomadas de decisão, contribuindo na inclusão social e no desenvolvimento do Turismo no local.

Reconhecendo toda essa complexidade, percebe-se ainda uma gestão bastante voltada aos interesses econômicos, em que, ainda é visível a falta de preocupação com um desenvolvimento integral e social do Turismo. Nessa economia globalizada, o planejamento turístico com ênfase no âmbito econômico não é suficiente, há uma necessidade de ações de âmbito social, onde engloba saúde, educação, moradia, seguridade social, entre outros fatores. Ainda é preciso transformações estruturais, desenvolvimento de políticas sociais e uma maximização da igualdade na distribuição da riqueza e renda, embora o cenário do sistema do capitalismo não permita tais possibilidades.

A partir da percepção dos moradores, nota-se apenas o Turismo como uma possibilidade de crescimento e desenvolvimento econômico, com a grande oferta de empregos para a comunidade. É de fato esperado pelo desenvolvimento do Turismo, que se obtenha ganhos financeiros, mas há ainda bastante desigualdade produzida pelo capital. Observou-se que a procura por melhorias na qualidade de vida da população local, no qual, especialmente os menos favorecidos lutam constantemente na busca da sobrevivência e dos benefícios desencadeados pelo Turismo, expondo assim, a marca da desigualdade social na localidade, onde continua presente nas condições de vida por uma parcela da população nativa.

É visível que tenha na extremidade do processo de desenvolvimento turístico, a presença de uma sociedade segregada, que ainda tem expressado a lógica da subordinação do capital pelos sujeitos sociais, evidenciando este descarte social e vulnerabilização com as condições de vida por parte dos menos favorecidos. Vivemos em um sistema que tem como forte papel a mobilização dos sujeitos, onde ao mesmo tempo em que somos vítimas deste jogo de interesses e poderes, também somos protagonistas dessas transformações traçadas pela globalização.

Basicamente, os marginalizados são quem impulsiona a transformação do capitalismo e acelera essa modernização, no qual, consequentemente aumenta sua própria exclusão e atraso social. Até quando seremos vítimas deste sistema e permaneceremos estagnados diante de um progresso, que cada vez mais humilha os menos favorecidos e enaltece os que estão sempre no “poder”? Um mundo movido por dinheiro, onde os pobres são marginalizados e

humilhados, por este modo de produção capitalista que mais destrói do que melhora a própria sociedade, no qual, ainda nossa sociedade é moldada e direcionada aos ganhos de interesses deste mercado globalizado. Mais uma vez percebe-se que o paraíso não atende a totalidade, mas se limita na relação dialética de acesso entre quem tem poder, não apenas dinheiro, mas também o conhecimento e demais mecanismos à sua disposição em detrimento daqueles sujeitos que ficam à margem do que é dito “desenvolvimento”. Que a partir do apresentado nesta investigação floresça outros holofotes para essa discussão, pois o paraíso não deve ser seletivo, deve ser acessível em sua plenitude.

## POEMA

### *Homenagem à Chapada dos Veadeiros*

*A cidade de Alto Paraíso, situada na Chapada, é um lugar muito abençoado, onde ainda há tantas riquezas, como os frutos do Cerrado. Há também um Parque Nacional que protege à natureza, onde os pássaros e animais têm proteção e defesa;*

*No Parque é proibido exploração, pois é para curtir com prazer, para quem ama à natureza e ajuda a proteger. Ali é proibido caçar, todos devemos a essa lei obedecer, pois quem matar um pássaro ou um animal será multado, basta os guardas à verdade saber;*

*Na Chapada há lindas cachoeiras, é um reino encantador, cada qual tem sua beleza e cada qual tem seu valor. Lanchonetes com bons petiscos e todos deliciosos em sabor, onde você encontra respeito e é tratado com valor; Ali tem um poder dos cristais que estão guardados na terra e é protegido por leis ambientais, cercado por morros e serras de belezas naturais, foram feitas pela força do dilúvio, já há tantos e tantos séculos atrás;*

*Passa em minha mente uma doce ilusão, que me faz sonhar acordada, passa em minha mente como um filme as recordações do passado, as lembranças do poder da natureza, como foram devastados, explorada por um mundo tão ambicioso, que só pensa em pasto, dinheiro e gado, sem lembrar de nossas crianças em um mundo tão mudado;*

*Se os leitores acreditam na força do bem, vocês podem acreditar. Deus criou tantas coisas tão belas para nós apreciarmos, como o reino da natureza, que beleza igual não há, e não existe ser sábio e inteligente que possa a mão de Deus imitar;*

*Com tamanha destruição, as nascentes podem secar, devastando as cabeceiras, vai faltar água em vários lugares. A chuva diminuindo da forma que vai, onde é que iremos parar;*

*Mas eu peço ao meu Senhor que todos os visitantes sejam bem-vindos e protegidos pela bênção do Senhor, e que façam uma boa viagem e venha curtir alegria, paz e amor;*

*É o desejo de uma senhora poeta, que deseja a todos felicidade, que leve com  
você o meu carinhoso abraço com ternura e um respeitoso amor. As minhas  
sinceras amizades, dessa humilde senhora.*

*Londina Maria do Carmo*

*(Poema recitado pela melhor senhora poeta da Chapada dos Veadeiros)*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**Batuque.** Disponível em: <<http://www.mundodadanca.art.br/2010/05/danca-folclorica-batuque.html>>. Acessado em 04 de outubro de 2017.

BENI, Mário Carlos. **Políticas e planejamento de Turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.

BENI, Mário Carlos; MOESCH, Marutschka Martini. **Do discurso sobre a ciência do Turismo para a ciência do Turismo**. 2015.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. **Plano de Manejo do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV)**. Brasília, DF, 2009.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Plano Estadual do Turismo - Goiás no Caminho da Inclusão**. Brasil, 2008.

**Catira.** Disponível em: <<http://www.arteseed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=104>>. Acessado em 04 de outubro de 2017.

**Congo.** Disponível em: <<https://www.visiteobrasil.com.br/centro-oeste/mato-grosso/folclore/conheca/danca-do-congo>>. Acessado em 04 de outubro de 2017.

COOPER, Chris; FLETCHER, John; WANHILL, Stephen; GILBERT, David; SHEPHERD, Rebecca. **Turismo, Princípio e Prática**. Porto Alegre, Bookman 2ª edição, 2001. Acessado em 27 de agosto de 2017 <[https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=lang\\_pt&id=IWz2gBscMKYC&oi=fnd&pg=PP1&dq=chris+cooper&ots=jfdltTgcZF&sig=Wef2QleSvt89mnh\\_yXKaiMyU8Y#v=onepage&q=chris%20cooper&f=true](https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=lang_pt&id=IWz2gBscMKYC&oi=fnd&pg=PP1&dq=chris+cooper&ots=jfdltTgcZF&sig=Wef2QleSvt89mnh_yXKaiMyU8Y#v=onepage&q=chris%20cooper&f=true)>.

CORIOLOANO, L. N. M. T. **Lazer e Turismo em busca de uma sociedade sustentável**. In: \_\_\_\_ (org). Turismo com ética. Fortaleza: UECE, 1998.

CORIOLOANO, Luzia Neide M. Teixeira. **A Exclusão e a Inclusão Social e o Turismo**. Disponível em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/3205/PS080205.pdf>. Acessado em 13 de setembro de 2017.

CORIOLOANO, Luzia Neide M. Teixeira. **O Turismo de inclusão e o desenvolvimento local**. Luzia Neide Menezes Teixeira Coriolano (organizadora). Fortaleza: FUNECE, 2003.

DEMO, Pedro. **Dialética hoje**. Petrópolis: Vozes, 1990.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 3ª edição. São Paulo: Atlas, 1995.

DEMO, Pedro. **Cidadania tutelada e cidadania assistida**. Campinas: Autores Associados, 1995.

DEMO, Pedro. **Participação é conquista**: noções de política social. 6ª edição. São Paulo: Cortez, 2009.

Cambridge Dictionary. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/trade-off>. Acessado em 02 de outubro de 2017.

FALEIROS, Vicente de Paula. **Inclusão social e cidadania**. ICSW Conference, 2006. Disponível em: [http://www.icsw.org/images/docs/Events/2006\\_Brazil/17\\_07\\_PDF/vicente\\_faleiros.pdf](http://www.icsw.org/images/docs/Events/2006_Brazil/17_07_PDF/vicente_faleiros.pdf). Acessado em 15 de setembro de 2017.

FGV/MTUR/SEBRAE. Ministério do Turismo. **Estudo de competitividade dos 65 destinos indutores do desenvolvimento turístico regional**. Brasília: Ministério do Turismo, 2008.

GASPAR, R. AKERMAN, M. GARIBE, R. **Espaço urbano e inclusão social: a gestão pública na cidade de São Paulo (2001-2004)**/ [organização de] Ricardo Gaspar, Marco Akerman, Roberto Garibe. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

GASTAL, S. & MOESCH, M. **Turismo, políticas públicas e cidadania**. São Paulo: Aleph, 2007.



Goiás Turismo. **Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável(PDITS) – Polo da Chapada dos Veadeiros**. Goiás Turismo Agência Estadual de Turismo –AGETUR, 2012.

Goiás Turismo. Agência Estadual de Turismo – AGETUR. **Alto Paraíso de Goiás**. Disponível em: <<http://www.goiasturismo.go.gov.br/altoparaíso/>>. Acessado em 04 de outubro de 2017.

GOIÁS. **Plano de Desenvolvimento Sustentável da Região da Reserva da Biosfera Goyaz**. AGETUR, 2004.

GUERRA, Alexandre; POCHMANN, Marcio; SILVA, Ronnie. **Atlas da Exclusão Social no Brasil: dez anos depois**, volume 1. São Paulo: Cortez, 2014.

**GUIA ALTO PARAÍSO**. Disponível em: <<http://www.guiaaltoparaíso.com.br.>>. Acessado em 18 de setembro de 2017.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama**. Disponível:<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/alto-paraíso-de-goias/panorama>>. Acessado em 20 de setembro de 2017.

JACOB, Pedro. **Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa, n. 118, março/2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf>. Acessado em 14 de setembro de 2017.

JENKINS, Carson L e LICKORISH, Leonard J. **Introdução ao Turismo**. Rio de Janeiro: CAMPUS, 2000.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. 3 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

MARSHALL, Catherine; ROSSMAN, Gretchen B. **Designing Qualitative Research**. Newbury Park (Califórnia). SAGE Publications, 1989.

MOESCH, Marutschka Martini. **A produção do saber turístico.** 2 ed. – São Paulo: Contexto, 2002.

MOREIRA, Ildeu de Castro. **A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no Brasil.** Inclusão Social, Brasília, v. 1, n. 2, p. 11-16, abr./set. 2006.

OLIVEIRA, Elton Silva. **Impactos Socioambientais e Econômicos do Turismo e suas repercussões no Desenvolvimento Local: O Caso de Itacaré – Bahia.** Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Santa Cruz / Universidade Federal da Bahia. Ilhéus, BA, UESC, 2008.

OTERO, M. R. **Contexto e prática da avaliação de iniciativas sociais no Brasil: temas atuais.** Martina Rillo Otero (org.). São Paulo, Petrópolis, 2012.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia.** 2. ed. rev. e ampl. - São Paulo: Aleph, 2011.

PINKSY, Jaime. **Práticas de cidadania.** São Paulo: Contexto, 2004.

PINSKY, JAIME; PINSKY Carla. **História da Cidadania.** São Paulo: Editora

PIRES, Ewerthon Veloso. **Impactos Sócio-Culturais do Turismo sobre as Comunidades Receptoras: Uma Análise Conceitual.** Caderno Virtual de Turismo, vol. 4, N° 3, 2004. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/58/53>. Acessado em 15 de setembro de 2017.

POCHMANN, Marcio. **O desafio da inclusão social no Brasil.** São Paulo: Publisher Brasil, 2004.

POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Tradução de Ana Cristina Arantes Nasser. 3. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Prefeitura Municipal de Alto Paraíso de Goiás. **Geografia**. Disponível em: <<http://www.altoparaiso.go.gov.br/Geografia.php>>. Acessado em 18 de setembro de 2017.

Prefeitura Municipal de Alto Paraíso de Goiás. **História**. Disponível em: <<http://www.altoparaiso.go.gov.br/Historia.php>>. Acessado em 18 de setembro de 2017.

Prefeitura Municipal. **Plano Diretor Urbano, Rural e Ambiental do Município de Alto Paraíso**. Lei nº 617/2.000. Agosto, 2000.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013**. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/>>. Acessado em 05 de outubro de 2017.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e desenvolvimento local**. Adyr Balastrieri Rodrigues, organizadora. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

RODRIGUES, Clênio Guimarães. **Sussas e Curraleiras Kalungas: na Folia do Divino Pai Eterno da cidade de Cavalcante-GO e na Festa de Santo Antônio da comunidade do Engenho II**. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011. Disponível em: <[https://mestrado.emac.ufg.br/up/270/o/CL%C3%80NIO\\_GUIMAR%C3%83ES\\_RODRIGUES.pdf?1329392795](https://mestrado.emac.ufg.br/up/270/o/CL%C3%80NIO_GUIMAR%C3%83ES_RODRIGUES.pdf?1329392795)>. Acessado em 04 de outubro de 2017.

SACHS, Ignacy. **Em busca de novas estratégias de desenvolvimento**. Estudos Avançados 9 (25), 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v9n25/v9n25a04.pdf>. Acessado em 15 de setembro de 2017.

SACHS, Ignacy. **Inclusão Social Pelo Trabalho: Desenvolvimento Humano, Trabalho Decente e o Futuro dos Empreendedores de Pequeno Porte no Brasil**. Rio de Janeiro, Garamond, 2003.

SADEK, M. T. “Cidadania e Ministério Público”, in Maria Tereza Sadek (org), **Justiça e cidadania no Brasil**. São Paulo, Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SEBRAE. **Plano de Desenvolvimento Turístico do Município de Alto Paraíso 2011-2014**. Goiás, 2011.

SISTEMA FIRJAN. **Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal (IFDM)**. Disponível em: <<http://www.firjan.org.br/ifdm/consulta-ao-indice/>>. Acessado em 05 de outubro de 2017.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

## APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA



### ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A COMUNIDADE LOCAL

Esta entrevista é parte integrante da monografia intitulada “Impactos sociais do Turismo no município de Alto Paraíso de Goiás (GO)”, que busca analisar os impactos sociais no processo de desenvolvimento turístico no destino. Tem como foco apreender a dimensão da realidade social no município, decorrente da atividade turística, a fim de identificar se o Turismo como uma possibilidade de desenvolvimento social conseguiu alcançar à transformação e melhoria na qualidade de vida da comunidade local.

Nome:

Idade (Opcional):

Escolaridade/Formação:

Profissão/Ocupação atual:

Há quanto tempo mora na localidade:

Bairro/Distrito:

Naturalidade (caso necessário):

Condições de uso da residência:

( ) Própria ( ) Alugada ( ) Cedida ( ) Outro: \_\_\_\_\_

- 1) Como foi o processo histórico do Turismo em Alto Paraíso (GO)? Quais foram as mudanças na estrutura e infraestrutura urbana da cidade?
- 2) Você tem lembranças sobre como era Alto Paraíso sem o fluxo turístico ou sempre foi assim? Tem algum marco histórico importante sobre o Turismo em sua memória?

- 3) Na sua percepção, quais foram os impactos do Turismo na cidade nesses últimos dez anos? (negativos e/ou positivos)
- 4) O desenvolvimento do Turismo interfere no seu custo de vida e nos preços dos produtos/imóveis/atrativos/alimentos, entre outros?
- 5) Ocorreu práticas/ações includentes em relação ao planejamento, implementação e desenvolvimento do Turismo para à cidade junto aos moradores locais? Qual o grau de cooperação dos moradores locais junto aos atores/gestores do Turismo da localidade? Teve alguma forma de sensibilização com os moradores em relação à implementação da atividade turística no município?
- 6) Teve aumento na quantidade de postos de trabalhos ligados ao Turismo durante esse período? Quais oportunidades de empregos são ofertadas para os moradores locais? Quais são as condições desses trabalhos? (Remuneração “salário mínimo”, formalização e garantia de direitos, qualificação, horas trabalhadas, férias, benefícios, cargos)
- 7) Como se dá sua convivência com os turistas?
- 8) Com qual frequência você usa os atrativos e equipamentos turísticos do município?
- 9) Tem conhecimento de casos de exploração de crianças e/ou adolescentes devido ao crescimento turístico na localidade?
- 10) Ocorreu uma proliferação de consumo de drogas devido ao crescimento turístico na localidade?
- 11) Na sua opinião em relação ao município:
  - ✓ Como funciona o sistema municipal de transporte?

- ✓ Como funciona o sistema municipal de ensino? O acesso à educação? Qual a qualidade desse ensino municipal?
- ✓ Como funciona o sistema municipal de saúde? Tem alguma unidade de saúde no município? Como funciona a capacidade de atendimento médico?
- ✓ Como funciona o saneamento básico municipal (Distribuição de água, rede de esgoto, coleta de lixo)?

12) Com o desenvolvimento turístico ocorreu alguma transformação e/ou melhoria na qualidade de vida da comunidade local?

Comentários/Observações/Críticas:

Obrigada pelas contribuições e pelo seu tempo!